

Orlando Fonseca (org.)

Ao Pé da Letra

**Siga a passos firmes para
o mundo das palavras.**

Ano II

Santa Maria - RS
2011

Organizador: Orlando Fonseca

Projeto gráfico: Danclar Rossato

Ilustração Capa: Cayena - Design, Comunicação e Arquitetura.

Revisão: Orlando Fonseca

Impressão: Pallotti – Santa Maria – RS

A638 Ao pé da letra / Orlando Fonseca (org.)
- Santa Maria : [s. n.], 2011.
128p. ; 14 x 21 cm

ISBN: 978-85-65072-00-7

1. Literatura brasileira I. Fonseca, Orlando

CDU 821.134.3(81)

Ficha catalográfica elaborada por Eunice de Olivera CRB – 10/1491

Sumário

Apresentação - nossa segunda edição	07
Prefácio - dois passos de prosa	09

PARTE I **Concurso Ao Pé da Letra**

PRIMEIRO LUGAR

O Outro Lado	15
<i>João Pedro Wizniewsky Amaral</i>	

SEGUNDO LUGAR

A Juíza	18
<i>Gabriel Machado Soares</i>	

TERCEIRO LUGAR

Doidas por Sapatos	24
<i>Alexandra Miorin Tanuri</i>	

MENÇÕES HONROSAS

O vendedor de histórias	27
<i>André Firpo Beviláqua</i>	
Pés velhos, sapatos novos	30
<i>Carmem Maria Andrade</i>	
Teimosia número 37	33
<i>Cláudia Camargo Squarcieri</i>	
Romeu e Julieta dos Pampas	36
<i>Fernanda Gabriela Soares dos Santos</i>	
Um jovem ambicioso, um homem simples e um par de alpargatas	38
<i>Gilda May Cardoso dos Santos</i>	
Toloc-toc versus plaf-plaf	43
<i>Ieda Valci Gallina Krob</i>	
“Uau para gatas”	48
<i>Jéssica Dalcin da Silva</i>	
Um dia para a vida toda	51
<i>Murillo Jaime Leão</i>	
Um anjo chamado Amigo	56
<i>Murillo Jaime Leão</i>	
O meu presente inesquecível	61
<i>Nei Jorge dos Santos Silva</i>	

Com graxa ou sem graxa, Viva o sapato!	65
<i>Nei Jorge dos Santos Silva</i>	
Como se fosse um peep toe fora de moda	70
<i>Paola P. de Bittencourt</i>	
Meus sapatos de verniz	75
<i>Ruben Boelter</i>	

PARTE II

Autores Convidados

Pesadelo	81
<i>Ruth Farias Larré</i>	
Água no pé esquerdo	84
<i>Sione Gomes</i>	
Meu sapato de 12 pilas.....	86
<i>Jair Alan</i>	
Um filho e um par de botinas	91
<i>Vitor Biasoli</i>	
De volta ao presente	94
<i>Antonio Candido de A. Ribeiro</i>	
Psicodélico e subversivo	98
<i>Humberto Gabbi Zanatta</i>	

Trocando sapatos... ..	103
<i>Máximo José Trevisan</i>	
A bela do sapato	106
<i>Athos Ronaldo Miralha da Cunha</i>	
Cada um com seus calos	110
<i>Diomar Konrad</i>	
O pé frio do pé-frio	113
<i>Raul Giovanni Cezar Maxwell</i>	
A chuteira Club Sul	116
<i>Gilson Píber</i>	
As botas do capitão	119
<i>Marcelo Canellas</i>	
A redenção da libélula	122
<i>Odemir Tex Jr.</i>	
Os sapatos vermelhos da duquesa	125
<i>Aguinaldo Medici Severino</i>	

Apresentação

NOSSA SEGUNDA EDIÇÃO

A Fundação Eny, presidida atualmente por Guido Cechella Isaia, dá agora mais um passo importante. Este projeto, em sua segunda edição, quer novamente aproximar a Fundação da comunidade de Santa Maria, da região e do Estado. Quer valorizar os fatos, as pessoas e as histórias de cada um. E, acima de tudo, quer dar forma ao cenário onde a Eny tem lojas: o Rio Grande do Sul.

Nada, entretanto, seria possível, sem a adesão dos participantes. Todos os textos inscritos nesta 2ª edição são relíquias para a Eny e para a Fundação. A atenção de cada um com o projeto, com o texto, a criatividade na hora de escrever sobre a marca, os calçados, ou a atenção ao relatar fatos verídicos são mais do que nunca por nós valorizados. Estando ou não o texto no livro, cada redação nos estimulou a ter ainda mais carinho com este projeto.

O desafio foi mesmo, entre os 80 textos, escolher os que seriam contemplados na publicação impressa. Então, obrigada a todos os inscritos por apostarem na iniciativa social da Fundação. Este projeto, cumpre

sua função cultural e social. A tiragem de 1000 unidades será enviada para as escolas, entidades sem fins lucrativos, universidades. Vamos realmente dar visibilidade aos nossos “escritores”.

E já que falamos neles, registramos o nosso muito obrigado a todos os escritores convidados. É no momento do convite que entendemos o caráter especial desses talentos. Todos, prontamente, aderiram “Ao Pé da Letra”, com ‘sim’ entusiasmado, motivado e comprometido.

Convém ainda, dar nomes a quem fez este projeto acontecer. Ao professor Orlando Fonseca, nosso reconhecimento e gratidão. A Juliana Rosa e Jones Machado, do departamento de Marketing da Eny, que cuidaram de todos os detalhes com muita competência. Aos diretores da Eny Calçados: Guido (pai), Guido (filho), Carlo, Rafael e Eduardo, por sempre apostarem nas iniciativas da Fundação. Ao Candinho, um grande amigo, ao qual não nos constrangemos em sempre pedir ajuda. À Cayena, pelo trabalho de capa. E, claro, ao Danclar, assessorando-nos nos registros e diagramação.

Fabrise Müller
Fundação Eny

Prefácio

DOIS PASSOS DE PROSA

No livro *Sapato florido* do poeta Mário Quintana, há um verso definitivo – como quase tudo o que ele escreveu - que declara: “Oh, não há nada como um pé depois do outro”. Nesse arranjo inusitado de palavras se encontram o tempo e a divagação, o cotidiano e a fuga da rotina, o pensar sem rumo e a decisão de ir, a vida e o sonho. Ao pé da letra - quando metáfora, quando imagem poética - tudo é possível, inclusive voar e manter o pé no chão. O poeta paranaense, Paulo Leminsky, também traz a sua contribuição a esta sãna da imaginação andarilha: “Andar e pensar um pouco,/ que eu só sei pensar andando/ Dois passos e as minhas pernas/já estão pensando”. Ou seja, pensando nisso é que o Projeto *Ao pé da letra*, da Fundação Eny, dá um segundo passo, com a disposição de ouvir e divulgar histórias de gente que gasta a sola andando nas nuvens.

Diz um outro aforismo popular, “o importante é manter o passo”. Na primeira edição, tivemos uma grande acolhida dos clientes das Casas Eny, e conseguimos reunir belos relatos de experiências vividas por

quem está atento à vida. Gente que sabe o preço de se manter em pé, e não diminuir a marcha. Que dá valor a um sapato, tênis ou sandálias, mesmo gastos, mesmo descoloridos, mesmo distantes daquele brilho que tiveram na vitrine, do cheirinho de novo, ao sair da caixa, pois sabe que o companheiro de jornada é testemunha dos quilômetros percorridos. E mais: de sua poeira, de suas marcas de uso se podem tirar os indícios da aventura de viver. Por isso entendemos que seria preciso dar mais um passo e permitir que novas histórias fossem contadas.

Manter o pé no chão e dar asas à imaginação é o equilíbrio perfeito para quem sabe, como Quintana, combinar emoção e texto. Coisa de especialista, poeta, cronista ou contador de história. O Concurso Cultural *Ao pé da letra* visa oportunizar aos clientes e amigos da Eny, que não sejam ainda reconhecidos como escritores, a aventura de produzir algo que seja distribuído e lido como obra de arte. Ainda que retirada da experiência corriqueira do dia a dia. De resto, a grande maioria dos versos e narrativas de escritores famosos é retirada justamente da vida comum. O prazer de ter vivido – mesmo que em imaginação – e o prazer de expressar para o maior número de ouvintes é que fazem a riqueza do texto literário. Por isso a honra de abrir espaço em livro e reunir os relatos de clientes com os textos de autores já consagrados em nossa cidade.

Segundo um estudioso da literatura e da antropologia, Walter Benjamin, existem dois tipos de narradores, os que viajam e os que permanecem no lugar. Os viajantes têm o que contar, pois conheceram outros lugares distantes; os que permanecem na mesma al-

deia guardam a memória local da identidade e dos acontecimentos dos que ali vivem. Com um pé depois do outro, por longos caminhos, ou com o pé fincado no mesmo torrão natal, os que se deixam levar pela atenção ao mundo, ao sonho e à imaginação, sempre terão o que contar. Por vezes, por insistirem neste propósito, tornam-se poetas ou prosadores. Mas não é um privilégio desses, apenas, combinar as palavras em um texto agradável de ler e rico em experiência humana. Passo a passo, o projeto *Ao pé da letra* só quer ser um bom companheiro de caminhada.

Orlando Fonseca

PARTE I

Concurso Ao Pé da Letra

Textos Seleccionados

PRIMEIRO LUGAR
O Outro Lado

João Pedro Wizniewsky Amaral

A Eny Calçados era dividida para mim em apenas duas partes: a seção Infante e a seção Juvenil. Sempre pertenci à primeira, que continha os números de calçados até o 31. Nessa parte da loja, o mundo era tão simples e bem pequeno que até eu, com poucos anos, podia notar. Contudo, o que me deixava empolgado e fascinado era o outro lado. A seção Juvenil, com calçados a partir de 32 era o mundo dos sonhos de qualquer criança. Tênis, sandálias, chinelos à vontade! Lá tinha sapatos maiores, mais coloridos e até mais altos, que possibilitavam ver o mundo de uma posição superior. Até o balcão da seção Juvenil era maior! Para mim, ingressar neste outro lado era o caminho mais perto da vida adulta.

Para chegar nesse tão sonhado mundo, eu tinha que passar pelo vestibular da Eny. Era uma prova simples. Eu tinha apenas que pisar em um medidor, localizado no chão da loja com a forma de um pé gigante, e ter o resultado de, no mínimo, o número 32. Com 8 anos, mesmo quando comprei um tênis de luzinha, de numeração 30, a seção Juvenil me parecia inalcançável.

Esse calçado luminoso marcou minha infância. Com 8 anos, ele folgava no meu pé; e quase aos 10 anos, eu nem sentia que meus dedos ficavam encolhidos dentro dele. Meu tênis de luzinha durou mais que muitos dos casamentos modernos. Quando completei quase duas mãos cheias de anos, minha mãe me levou para comprar outro tênis, já que aquele não me servia mais. Fui meio a contragosto, segurando a mão dela até a entrada da Eny Calçados. No nosso primeiro passo dentro da loja, nossas mãos se desataram e cada um foi pra um lado.

- Vamos filho, teus calçados estão nessa parte da loja – disse ela apontando para a seção Juvenil.

- Não, mãe!!! É aqui! – retruquei, indo direto pra seção Infante, com certo medo daquele mundo

Ao chegar no balcão da seção Infante, perguntei ao atendente sobre o tênis que eu desejava, ignorando a minha mãe parada na porta da Eny me olhando estaticamente de braços cruzados. Para minha surpresa, o atendente me levou antes para fazer o vestibular Eny. As chances que eu tinha de passar naquela prova eram as mesmas que um aluno do 1º ano do Ensino Médio tem ao tentar vestibular pra Medicina.

Totalmente desconfiante, tirei meu tênis de luzinha (que por sinal seria sua última piscada) e coloquei meu pezinho em cima do molde no chão. Quando minha sola encostou-se ao medidor, virei gente grande. Número 32. Naquele momento, eu cresci uns 30 centímetros. Consegui! Passei para o outro lado! Tirei imediatamente meu outro tênis e deixei-o de lado,

porque luzinha é coisa de criança. Também ignorei o atendente que colocou meu pé na forma, afinal, ele era da seção Infanto.

Apesar de estar usando apenas meias na loja, ajeitei minha postura, estufei meu peito e fui desfilhar pela passarela do mundo dos meus sonhos. Um sorriso formou-se naturalmente em meu rosto, junto com um olhar mais sutil. Nem precisei da minha mãe para escolher o meu tênis, no meio daquelas infinitas variedades. Eu já possuía autonomia, e perguntei para a atendente onde eu encontraria um calçado do jeito e das cores que eu queria. Usei até “por favor” e “obrigado”. Aquele dia eu me deleitei tanto na seção Juvenil que os papéis se inverteram: minha mãe estava pedindo para ir embora e eu queria permanecer na loja.

Obviamente já saí na rua usando a minha primeira lembrança do fantástico mundo Juvenil. Um tênis preto e azul em que entrava mais que apenas meu pé. Coube nele também a agradável sensação de sentir-se grande. Hoje, já crescido, toda vez que vou à Eny Calçados me lembro dessa passagem para o outro lado. Bem que a vida poderia ser assim, dividida em Infanto e Juvenil. Mas o mais perto disso que chego, é justamente quando volto na Eny, me desligando do mundo multilateral e tentando achar um calçado que me proporcione a mesma sensação que tive quando passei pro outro lado.

SEGUNDO LUGAR

A Juíza

Gabriel Machado Soares

Com um sonoro clique a maçaneta girou e eu entrei em casa como de costume. Depois de mais um dia de trabalho, a porta se fechou atrás de mim dando acesso à sala, onde, para minha surpresa, um imenso par de olhos verdes cuidava qualquer movimento. Os olhos de Monalisa, minha filha mais velha sentada no sofá, falavam por si só: “estava te esperando”, e tal como fazia sua mãe, a mensagem era bem clara quando isso ocorria: o assunto era delicado. Reparei que ao seu lado repousava um ensaculado pacote da loja Eny.

- Oi, minha filha – eu disse calmamente.

- Oi, pai – respondeu ela em um tom um pouco sério – eu estava te esperando.

- Tá tudo bem? Aconteceu alguma coisa? - indaguei meio preocupado. Ali tinha...

- Não, tá tudo bem sim, é que eu preciso conversar uma coisa séria contigo...

- Tu tá grávida!! E esse pacote aí é um presente para o bebê!! - brinquei tentando quebrar a tensão de suas palavras.

- Não! - respondeu rindo de leve por primeira vez desde que eu chegara em casa - Não... Não é nada disso. O pacote é um presente para mim mesma... Eu queria é conversar sobre o meu futuro, pois tomei uma decisão e quero saber a tua opinião. - Monalisa tornou a ficar séria novamente.

- Opa, vamos ouvir, então. - Ajeitei-me na poltrona ao lado enquanto pensava em várias coisas.

- Eu quero ser juíza! - seus olhos brilharam.

- Juíza?! - perguntei aliviado.

- Sim! Juíza.

- Ué... Eu pensei que tu gostasse de Jornalismo, minha filha... O que foi? Te desiludiu com o curso e vai trocar para Direito, agora?

- Não, não! - disse rindo. - Não é esse tipo de juíza, eu me refiro a juíza de futebol! Eu quero ser árbitra! - seu sorriso mal cabia no rosto, e me fizeram lembrar Heloísa, sua mãe.

- Como é que é?!

- Eu decidi que quero ser juíza. Tu sabe: apitar jogos de futebol, fazer valer a regra, estar no campo junto com os jogadores... Árbitra!!

- Eu sei o que faz uma juíza! Eu quero saber é como... De que... De onde... Me explica direito essa história, faz favor... - “essa guria ainda me mata”, pensei.

- Descobri hoje em frente a uma das vitrines da Eny Esportes... Isto é, não foi assim de golpe que aconteceu, mas foi lá que “caiu a ficha” para mim. Lembra daquele último jogo que tu me levou do Interzinho?

- Hmmm... Aquele em que o time perdeu, culpa daquele juiz sem-vergonha que nos garfeou! Poderia-

mos ter pelo menos empatado. Eu lembro sim, mas isso faz uns dois meses mais ou menos...

- Sim, desde lá eu já vinha cuidando só da arbitragem do jogo, para ver se realmente era imparcial. Até mesmo por causa do meu estágio de Jornalismo Esportivo na rádio da universidade, que também exige imparcialidade para observar os times, conversar com os técnicos e jogadores. Mas dessa vez fiquei prestando a atenção só na arbitragem, mal vi o jogo, e desde então percebi que o que mais me chamava a atenção era a movimentação do juiz: onde se posicionava, como interpretava os lances, a maneira de se dirigir aos jogadores... E eu ADOREI!!

- Mas minha filha, isso é uma profissão de verdade? Tu vai conseguir sobreviver disso? - disse com a preocupação característica de todo pai que só quer o melhor para os seus.

- Bem, desde aquele dia eu fui atrás de várias informações a respeito, e de fato: não é uma profissão "oficial" - ponderou ela, - mas é possível sobreviver apitando jogos, sim. 'Basta' levar à sério, ter conhecimento, preparo, dedicação e claro, ser bom. Além disso, eu não vou largar o Jornalismo. Essa será a minha profissão paralela, pois boa parte dos juizes que estão aí são também dentistas, advogados, professores... Eu acho que as duas se complementam! - empolgou-se ela.

- Como assim, minha filha?

- Pai, graças ao Jornalismo eu aprendi as regras bem direitinho, e passei a entender desse meio, sabe? Até derrubei aquele mito que mulher não entende o que é o impedimento, pois na faculdade eu explico tanto para as gurias, como para os mais metidos a esperar

talhões quando assistimos jogos todos juntos. A profissão de Jornalismo me deu a base que eu precisava.

- Mas e os xingamentos, Monalisa, como é que ficam? A tua mãe não vai gostar de ser ofendida... E tu vai conseguir conter jogadores e torcedores furiosos com alguma decisão tua? Já pensou nisso? - queria ver até que ponto ela ia nessa história.

- Bem... Eu sei que não vou acertar sempre, mas vou tratar de fazer o meu melhor. E além do mais, sempre vai ter alguma parte descontente, pois o futebol é como se fosse uma válvula de escape do torcedor: os xingamentos que iriam para o chefe chato, para aquele professor murrinha ou para qualquer frustração acabam indo para o árbitro, acho que não são verdadeiros... Eu já falei com a mãe sobre isso, e no começo ela ficou meio chocada, mas depois conseguiu entender que faz parte da cultura do futebol, apesar de ter dito que nunca iria num jogo comigo apitando...

Monalisa mostrava uma convicção em seus argumentos que me faziam pensar que talvez pudesse dar certo aquela história.

- Mas por que juíza? - quis saber.

- Pai, eu quero melhorar a imagem dessa “classe”. Tu mesmo acabou de falar que a última derrota do Interzinho foi por culpa do juiz (o que eu discordo!). Olha, com certeza tem muitos safados por aí, mas eu quero mostrar que esse profissional, em sua grande maioria, é antes de tudo um apaixonado por futebol, ético e imparcial, que não pode ser associado a coisas ruins e de má índole como a gente gosta de fazer.

Eu ouvia tudo com bastante atenção, e não podia deixar de dar razão ao que ela dizia. Confesso que nunca tinha observado o futebol por esse ângulo.

- E como é que tu pretende começar uma carreira dessas? Há um vestibular, ou faculdade para ser “árbitro de futebol”? Antes de terminar a tua faculdade de Jornalismo nem pensar, já vou avisando...

- Primeiro eu tenho que fazer um curso nessas federações que existem – existiam mesmo? - e aos poucos eu vou começando por baixo, isto é, apitando jogo de categorias infantis e juvenis. Quanto mais eu me destacar, vou subindo na importância de campeonatos e tal. Aos poucos eu vou indo: campeonato local, regional, estadual, Campeonato Brasileiro, Libertadores... E o meu grande sonho desde então... - e nessa hora ela ficou vermelha. Foi engraçado vê-la perder o jeito pela primeira vez em nossa conversa.

- Que foi? Que sonho é esse?

- Ser a primeira mulher a apitar em uma Copa do Mundo masculina! - exclamou perdendo a graça totalmente.

Não tive outra reação senão rir incontrolavelmente, mas não por escárnio ou deboche, e sim por acreditar que ali nascia uma grande árbitra aos meus próprios olhos. Monalisa herdara a minha paciência e determinação, o que me fazia pensar que ela realmente conseguiria chegar a este objetivo.

Mas, em meio a essa alegria toda, um segundo pensamento voltou rápido como um raio à cabeça, fazendo-me mudar repentinamente a expressão.

- O que foi, pai? - perguntou a menina prontamente.

- Me diz uma coisa Mona, quando tu virar juíza vais poder torcer secretamente para algum time?

- Ihh, pai... Essa é a parte complicada da história... - ela entendeu a “gravidade” da minha pergunta - Olha, eu nunca vou deixar de ser colorada, mas enquanto eu estiver trabalhando como juíza, eu não vou poder torcer para nenhum time, e se me perguntarem, vou ter que negar - e fez um sorriso amarelo meio sem graça.

Essa resposta me murchou completamente, pois desde pequena a minha menina mais velha fora o meu orgulho ao torcer pelo time do pai, e não o da mãe como eu gostava de comentar entre todos nossos parentes e amigos. Aquilo foi um duro golpe.

- Ah pai, não fica assim, tu sempre vai ser o meu companheiro fiel de jogos e discussões de futebol... Graças a ti eu quero fazer tudo isto. Obrigada por tudo! Te amo! - e me abraçou forte.

- Ok, ok... Mas e esse pacote, o que que tem? - disse ainda meio sem graça.

- As minhas chuteiras! Para o curso! - começou a desembulhá-las - olha que lindas! Vermelhas, é claro!

- Hmm.. Bem bonitas mesmo, mas e esses cadarços rosas?!

- Comprei junto para combinar. Para dar um ‘toque de feminilidade’, sabe...

- Eu acho que criei um monstro... - suspirei.

TERCEIRO LUGAR
Doidas por Sapatos

Alexandra Miorin Tanuri

Num dia de domingo, eu estava sentada em um shopping da cidade e observava os movimentos. Na minha frente havia uma loja de sapatos cujo nome é Eny Calçados. Como todas as mulheres, dei uma olhada na vitrine, foi quando um movimento me chamou atenção. Não entendia o que aquela moça fazia, subindo e descendo as escadas da loja para no segundo andar ou em outro lugar qualquer, apanhar um monte de caixas e, delicadamente, depositá-las aos pés de uma mulher que seria a provável compradora. Ela experimentou um e outro; enfim a todos e depois disse à vendedora: - “Vou levar todos eles”.

Achei graça daquilo. É um comportamento normal no sexo feminino. Sapatos certos garantem um andar com segurança para colocar “o pé na estrada”, como canta Adriana Calcanhoto, desafiando o poeta e despertando transformações: “... em meus passos, sapatos / poeiras / portas / portos / poetas / profetas / negócios...”

Os sapatos despertam paixão em homens e mulheres. Fizeram a fama de muitas estrelas de cine-

ma, como Marilyn Monroe que mandava diminuir a altura de um dos saltos dos sapatos, para poder rebo-lar os quadris mais sensualmente ao andar. Sapatos são uma arte em tempos e em termos de pro-dutividade, com a vantagem de poder escolher a gos-to e descobrir o segredo para compor uma identidade visual marcante. Sapatos são poderosos!

Não podemos ver uma vitrine bem montada que lá estamos. Admiradas! Sem falar que as vitrines da Eny Calçados são as mais lindas da cidade, de ex-tremo bom gosto e diversidade.

Por que a maioria das mulheres adora sapatos? Não sei, mas acho que as mulheres escolhem alguns sapatos como escolhem alguns homens: eles as sedu-zem, machucam, mas elas nunca conseguem deixá-los. A única diferença é que os homens, em geral, pisam nelas. Já os sapatos são pisados por elas, com postura e elegância. Será que é por isso que adoramos sapatos?

Desde criança, somos induzidas a acreditar que com o “sapatinho de cristal” vem o príncipe. Ou que, se você usar o sapato da sua mãe, mesmo que ele não caiba em 1/3 do seu pé tão miúdo, isso irá torná-la mais mulher e conseqüentemente, mais forte. Existe algo dentro deles que encanta muito mais do que qual-quer roupa. Para os sapatos, não existem preconcei-tos, paradigmas ou qualquer pré-definição, ele é de-mocrático não recusa gordinhas, magrinhas, baixinhas, negras, brancas... não discrimina aparência física, e tran-sita desde as mais fashionistas, até as mais “despreendidas”.

Talvez este seja o ápice da paixão feminina por sapatos: a capacidade de ser você. E dentro deste “você”

ser várias. Com um salto, ter poder. Com uma sapatilha, ter romance. Com uma bota, atitude. Com uma rasteira, casualidade. Não importa, sapato é antes de tudo, uma paixão. E mulher, não vive sem, é coisa que nasce com a gente. Uma predileção exata, que vem desde os contos de fadas que tanto admiramos quando pequenas. Uma paixão que não cabe em quantidades e sim, em personalidades.

As mulheres são apaixonadas por sapatos, porque inevitavelmente são apaixonadas por elas mesmas, e por suas diversas maneiras de ser elas.

MENÇÕES HONROSAS

O vendedor de histórias

André Firpo Beviláqua

Lele já havia escolhido, mas ainda havia um empecilho. O rapaz estava inquieto, ansioso e (até mesmo) um pouco triste, mas não conseguia desgrudar os olhos do sapato “Samello” que permanecia ali, estático no balcão. Era um jovem que pertencia a uma família de origem humilde e trabalhadora. Embora tivesse economizado muito, ainda não havia dinheiro suficiente para adquirir o seu “sonho de consumo”.

Como um utensílio tão simples poderia definir o seu futuro de uma maneira tão sutil? Tudo aquilo parecia um pesadelo, pois o calçado estava tão próximo e ao mesmo tempo tão distante. Se o jovem fizesse a aquisição poderia ir ao aniversário de sua amada e, mais do que isso, impressionar não só ela como também os pais da moça.

Naquele vai e vem do estabelecimento, qualquer um que passasse não notaria a angústia do rapaz. Exceto uma pessoa. Um senhor elegantemente vestido, educado e simpático veio até o moço e lhe perguntou:

– Boa tarde! Você gostou do sapato?

O jovem respondeu apressadamente:

– Gostei muito, sim senhor! Mas ele custa muito além do que eu posso pagar no momento!

Então o senhor disse ao vendedor:

– Faça a gentileza de embrulhar o sapato do moço. Ele virá mês após mês e nos dará o quanto de dinheiro puder, até completar todo o valor do calçado.

O rapaz não conseguia acreditar no que estava acontecendo. Seria um sonho?

Quando constatou que estava acordado, percebeu que o generoso senhor era o dono do estabelecimento. Mesmo assim, o rapaz ainda ficou intrigado. Por que uma atitude tão nobre? Como pôde depositar tanta confiança em um jovem que nem sequer conhecia?

Na época não existiam compras a prazo. O jovem saiu da Eny Calçados eternamente agradecido e daquele dia em diante, uma pequena parte de cada salário que recebia servia para honrar o compromisso que havia assumido com Salvador Isaia. Todos sabiam que o ancião era um exemplo de bondade, mas ninguém sabe ao certo o motivo de tal atitude. O empresário teria se identificado com o comprador? Afinal, os dois eram de origem humilde...

O que se sabe é que o moço nunca mais esqueceu o dia que comprou o seu primeiro sapato de marca. Ele foi à festa de sua amada e com o passar dos dias conquistou a moça. Eles viveram muito tempo juntos... Hoje ele se tornou um homem e ela é sua esposa... Os dois hoje são pais de dois meninos, que no futuro cer-

tamente, constituirão família e darão continuidade a essa história...

Quem conhece um pouco sobre a história da Eny Comércio de Calçados sabe que não se trata apenas de uma loja de sapatos ou de uma grande empresa. Trata-se de uma fábrica de sonhos e de histórias de felicidade. E essa, foi apenas mais uma delas...

Pés velhos, sapatos novos

Carmem Maria Andrade

Chegaram as férias, trinta dias na Europa, começando por Portugal!

Lá instalada, o primeiro roteiro foi a cidade de Fátima, para honrar a devoção mariana herdada dos avós originários da cidade do Porto. Mal podia esperar pela hora de ver a Senhora, velha conhecida por fotos.

No caminho, passo por Óbidos, um lugar medieval, murado, com vielas de um metro e meio de largura calçadas por uma espécie de [pré] paralelepípedos escorregadios que faziam os turistas rolarem.

Meus joelhos não passaram ilesos por aquele caminho, e quando me dei por mim estava apoiada nos braços de uma senhora vestida tipicamente de portuguesa, que me apoiava, me conduzia para dentro de um café, e me acomodava numa poltrona esculpida num tronco de árvore.

Sentada, abri a bolsa em busca de um lenço e dela saltou um jornal santa-mariense que levava para

ler no avião. Ao ver este exemplar a senhora saltou e me disse:

-Não me digas que és de Santa Maria?

Eu confirmei dizendo:

-Nascida e criada!

Ela encheu os olhos de lágrimas, e num misto de alegria e saudade disse:

-Esta é a única cidade pela qual trocaria meu Portugal. Morei lá nos anos cinquenta, foram os melhores anos da minha vida! Ainda lembro dos desfiles dos estudantes, da primeira quadra, da reunião dançante do Caixeiral, das bandas, e de uma garrafinha que enchia uma taça no alto de um prédio. Mas o mais importante de lá é uma coisa que vou te mostrar aqui dentro...

Fomos para o interior da casa e me deparei com um armário de estrutura de ferro com paredes e prateleiras de vidro, repleto de pares de sapato tendo por trás as caixas com o nome das Casas Eny. Os pares eram etiquetados com datas e situações vividas. O primeiro era perolado com uma plaquinha “15 Anos”. Depois um preto com “Formatura”, outro branco com salto altíssimo arredondado com as laterais de tule: “Casamento”, ainda tinha “Vovó”, “Festival de 1966”, “Debutante”, “Fado”, ... , e bem no final um sapatinho rosa, modelo bailarina, com cartãozinho “Maria”.

Ao perceber minha surpresa e ar familiar diante da marca de seu “tesouro”, ela foi logo dizendo:

-Minha vida se confunde com os exercícios que faço para conseguir continuar comprando sapatos das Casas Eny, eles me mantêm ligada a Santa Maria e as

lembranças do melhor período da minha vida, me faz reviver o romance com o vendedor de sapatos que minha família proibiu,

Aí suspirou, olhou para o horizonte, e concluiu:

-Esta loja Eny alimentou meu coração, hoje cada vez que olho para baixo, vejo meus sapatos da Eny e recordo que meus pés estão velhos, mas meu coração e os sapatos estão novos.

Teimosia número 37

Cláudia Camargo Squarcieri

Há um sabor nas nossas nostalgias e lembranças, principalmente, quando somos a atriz principal ou a figurante.

Ainda conservo a mania de juntar dinheiro para depois efetuar uma compra, o meu alvo são os sapatos.

A mulher-centopeia que existe em mim estava no ápice do namoro com uma bota cano curto, cor marrom, zíper lateral e salto médio que estava na vitrine há um bom tempo.

Atualmente, no local da Loja de Calçados Eny, tem uma farmácia que não deixa esta memória perder-se no esquecimento. Em tempos de Alzheimer, rememorar é o remédio e um exercício mental.

Naquela época flertava com o meu objeto do desejo sorrindo para mim.

- Se é possível uma bota sorrir?!

- Sim!!!

Convenhamos já tive notícias de um Gato de Botas; uma Cinder que teve um sapato de Cristal – além de um pisante que foi o primeiro péssaporte/passaporte para a conquista de um Príncipe.

A história tinha dado crédito aos _____
(aqueles que adoram sapatos). A minha tinha pés e
cabeça.

Economias reunidas e um contentamento inco-
mensurável fui às compras...

- Por favor, aquela bota marrom número trinta
e oito (38).

Em resposta ouvi: aquele é o último par só no
tamanho trinta e sete (37).

Foi como um chute nas minhas canelas. Não
sabia se chorava ou retrucava, implorando, para
procurarem.

Haveria um par perdido lá nas prateleiras...

Tamanho T R I N T A E O I T O.

Saí desolada, fui até a vitrine e enxerguei lá: um
mês de economias, o meu esforço quase diário de subir,
a pé, a Avenida Rio Branco até o início da Rua do
Acampamento para certificar que a bota estava me
esperando.

E, o que ecoava era o último par, resquício
número 37.

Num pé-de-vento voltei para dentro da Loja e
afirmei: vai aquela.

Paguei, peguei e saí num misto de satisfação e
indagação. Como é que conseguiria caminhar se os
meus dedos mal se mexiam e o calcanhar descera
“raspando” para tentar se acomodar, puxar o zíper nem
pensar.

Teimosia 37 vencera!

A minha felicidade era com par.

A aquisição sobrepujava a racionalidade. A
estreia seria no colégio, e um artifício para facilitar o

uso – dispensar as meias, pois elas tomavam o espaço.

Se a cabeça era dura, os pés eram obtusos. Sedução e desejos cegam, mas dão asas. Primeiro você faz, talvez depois pense!

As botas foram calçadas na manhã seguinte. E ao retornar para casa, pelo trajeto mais longo, conheci a Tortura Japonesa.

A sensação era de pés amarrados; escalavrados; enfaixados; deformados, sei lá quantos adjetivos traduziriam aquela situação.

Foi preciso resistência, um analgésico, ao retirar as botas. A teimosia sobrava.

Por um tempo, aposentei as botas.

Reativei umas “alpargatas” velhas.

Tempo de cura e remédio cicatrizante, e pesquisar como alargar calçado apertado.

Desde bolas feitas de jornal, molhadas no álcool; socar o máximo de panos dentro; colocar milho ou feijão, colocar no torno.

Enquanto me recuperava, descobri: quando o sapato for novo, passe um hidratante na parte de cima dos pés nos calcanhares, e use meia fina.

De vez em quando me pego sorrindo...

Ainda namoro as vitrines, no tamanho certo, na devida proporção, e com a certeza de que alguém já passou por isso no conforto das suas memórias.

Romeu e Julieta dos Pampas

Fernanda Gabriela Soares dos Santos

JEu tinha não mais que quinze anos. Ele, uns dois ou três anos mais velho. Ele, estudante do Maneco¹. Eu, do Ensino Fundamental. Ele, gremista. Eu, colorada de chorar quando meu time perdia Gre-Nal. Apaixonamo-nos em uma festa de uma amiga em comum, no prédio do Taperinha².

Não precisaram palavras ou argumentos: a justificativa estava em um nível que extrapolava qualquer campo lógico-semântico. Voltei para casa voando, eu estava dançando em um mundo onírico. Penso que ele também.

Naquela noite, marcamos o primeiro encontro:

- Onde? – Disse eu, apressada, correndo para o táxi, pois a hora de chegar em casa, à noite, era inflexivelmente ditada por minha mãe.

- Aqui pertinho, em frente às casas Eny.

¹ Referência carinhosa à Escola de Ensino Médio Manoel Ribas.

² Tradicional prédio localizado no centro da cidade.

Não precisaram maiores explicações, ambos da cidade, eu sabia onde ficava a loja: o único lugar em que minha mãe comprava sapatos para a família.

Éramos felizes com o pouco que partilhávamos, sobrava amor, faltava dinheiro. Nas férias de 2002 ele foi a Belém do Pará realizar seu sonho. Eu o esperei. Outras viagens vieram e... eu ainda o esperei, com o tênis que havia ganhado dele, ironicamente comprado na Eny. Amávamos naqueles dias como se o mundo fosse terminar.

Nunca soubemos quando o amor acabou (acaba?), ou ainda, quem terminou o relacionamento. Feridas foram abertas e não cicatrizadas pelo cotidiano: outrora estudantes, agora assalariados correndo contra o tempo e esquecendo de cuidar a nossa própria história amorosa.

Os dias felizes agora pareciam um filme italiano dos anos 1930 distante: brigas, ciúmes, cansaço. Desgastes, gritos, desafetos, traições. Matamos o amor tal como o casal do título, embora morte metafórica, já que do amor. Mas morte também.

Sobraram silêncios de outros tempos, saudades daqueles dias de paqueras no Taperinha e nas Casas Eny e do vivido anteriormente. Ficou um resquício de dor. Mágoas borbulharam dos cantos mais recônditos: onde vive hoje aquele casal que outrora exalava o amor?

Um jovem ambicioso, um homem simples e um par de alpargatas

Gilda May Cardoso dos Santos

Cresci ouvindo a história que meu pai contava sobre, como a compra de alpargatas pelo meu avô, vendidas por um jovem chamado Salvador, transformou-se em uma duradoura amizade. No dia 7 de outubro de 1924, meu avô, ao passar pela Rua Silva Jardim, deparou-se com uma loja de calçados que abria suas portas naquele dia e resolveu entrar. Nela, encontrou um jovem no seu primeiro dia de trabalho. Resolveu então que compraria alguma coisa que coubesse no seu modesto orçamento. A sugestão dada foi um par de alpargatas. Essa compra fez com que Salvador e meu avô se afeioassem e, a partir daí, consolidou-se uma grande amizade.

Ao longo dos anos, meu pai tornou-se também muito amigo de Salvador, de seus irmãos e da família Isaia. Mais tarde, a loja, que era propriedade de Luiz Andrade, passou a ser de Salvador que deu um grande impulso aos negócios, tornando a loja em uma empresa familiar.

Anos mais tarde, houve outro fato significativo para nossa família a partir de um gesto muito delicado

e carinhoso de Salvador. Quando da inauguração da nova loja, no Edifício Mauá, na Avenida Rio Branco, ele convidou minha avó, já viúva, para ser a sua primeira cliente, revivendo assim o ato de meu avô na antiga loja da Rua Silva Jardim.

Então, durante a minha infância, adolescência e idade adulta, acompanhei a expansão das Lojas Eny e, por isso, ternas e doces lembranças me vêm à memória. Lembro-me da loja inaugurada no Edifício Cauduro, onde eu e minha mãe nos encantávamos com as novidades em bolsas e sapatos. Dela herdei o gosto por sapatos. Nessas ocasiões, em que não resistíamos à tentação de entrar, éramos recebidas com muita gentileza e fidalguia pelo Carlo, muitas vezes pelo próprio Salvador ou seu irmão Antônio. Também nos recebiam atenciosamente os funcionários da época: Mário França, que já trabalhara na antiga loja de Luiz Andrade; os irmãos, Carlinhos e Amadeu Lopes; além da simpática Elda Menezes de Araújo, a primeira mulher a trabalhar nas Casas Eny e responsável pelo caixa.

Naquela época, como nossa família era frequentadora assídua da loja, sempre sabíamos das novidades que iriam chegar, por deferência especial dos gerentes e dos funcionários. Lembro-me muito bem de minha emoção, quando ganhei um sapato de verniz preto, salto baixo, com uma alça que atravessava o peito do pé. Como era bonito... Logo depois, encantei-me com um sapato branco de salto alto, bico fino que eu vira na vitrine. Comentei com minha mãe a respeito da beleza do sapato. No outro dia, ao chegar a casa, vi um pacote enrolado para presente na minha cama: era

o sapato. Meu primeiro de salto alto... Coisas de mãe: e a minha era muito especial!

Outras memórias povoam as minhas lembranças: as comemorações na chácara de Salvador, nos aniversários das lojas, reunindo diretores, funcionários, suas famílias e alguns amigos que partilhavam os churrascos, assados em valas no chão, com muito milho verde cozido ou nas brasas, salada de tomate e cebola, pão d'água e tudo regado com muito humor e alegria. Havia também os churrascos oferecidos por Salvador aos integrantes da Escola de Teatro Leopoldo Fróes, um grupo entusiasta de artistas amadores. Salvador, que desde jovem também fizera teatro, era amante das artes e sempre apoiava as iniciativas culturais, associou-se ao sonho da construção de um teatro. Seu filho Guido, um excelente fotógrafo, herdou do avô José o gosto pela fotografia e ainda jovem já frequentava o ateliê fotográfico de Luiz Schleiniger, situado ao lado do Edifício Mauá. Posteriormente, Guido também foi colaborador do grupo teatral. Carlo, irmão de Salvador, talentoso desenhista, confeccionava os cartazes publicitários das peças, além de seu irmão Antonio, que igualmente colaborava.

Quando foi inaugurada a loja de calçados feminina, na Galeria do Comércio, eu me extasiava, ao ver, enfeitando as lindas vitrines, vasos multicoloridos de amores-perfeitos e rosas cultivadas nas chácaras de Salvador e Carlo, que encantavam a todos. Cada inauguração de loja era motivo de entusiasmo de meu pai, que acompanhava o sucesso crescente da empresa dirigida por Salvador e seus familiares.

A empresa crescia e participava do progresso da cidade. As lojas passaram a ser conhecidas não só em Santa Maria, mas também em todo o Estado e fora dele. Era um hábito comum, pessoas do interior, viajarem à nossa cidade para comprar sapatos, principalmente nos finais de semana.

A amizade entre meu pai e Salvador continuou forte e, ao longo dos anos, os filhos e irmãos deste foram se integrando nesse ciclo afetivo. Diariamente, Salvador e meu pai se encontravam para um cafezinho, para “pôr as novidades em dia” e esses encontros aconteciam nos escritórios das Casas Eny ou na loja feminina onde eles se reuniam, acompanhados de Carlo, do amigo Osvaldo Dias e outros que, muitas, vezes se juntavam ao grupo.

Lembro-me, além disso, com muita saudade, das visitas que Iberê Camargo e sua doce Maria faziam a Santa Maria. Nessas ocasiões, não podia faltar uma visita às Casas Eny. Iberê se tornara amigo de Salvador e sempre foi recebido por ele com grande gentileza e afabilidade. Nas vindas do casal à cidade, sempre adquiriam sapatos, bolsas e abrigos esportivos, como também incluíam presentes para os amigos. Muitas vezes, eu os acompanhava e me deleitava com as conversas: tantas coisas que eles me ensinaram sem perceber...

Hoje, a empresa, que constitui um orgulho para Santa Maria, conta com a Fundação Eny, dirigida por Guido Isaia, e cujo objetivo principal é apoiar as causas sociais e culturais da cidade, constituindo-se em outro marco importante na história das Casas Eny.

Deixo, portanto, neste artigo, registrados com a memória e o coração, alguns dos acontecimentos que tiveram papel importante na vida de muitas pessoas e como o encontro entre um jovem ambicioso, um homem simples e um par de alpargatas foram o começo de uma história.

Toloc-toc versus plaf-plaf

Ieda Valci Gallina Krob

Em priscas eras, antes de completar uma década de vida, como residíamos no interior, fui estudar em um internato, mais interiorano ainda, para o qual acorriam – ou eram levados a contragosto – filhos de muitas famílias nas mesmas condições. “Vinhem lá de Uruguaiana, do Alegrete e Quaraí” – como diz a letra da música – e de todo o estado, com predominância dos fronteiriços.

No rol de exigências fornecido pela escola, entre sapatos, uniformes, material escolar e outras coisas mais, havia um pedido que me deixara intrigada: um par de tamancos. Quando seriam usados? Dei tratos à bola... esperar para ver.

Enxoval quase pronto, faltavam os calçados. A caminho da escola, permanecemos por dois dias em Santa Maria, para comprá-los na Eny. Sim, na Eny, porque naquela época existia apenas uma loja, com diversos setores. Ganhei belas e resistentes sandálias para enfrentar o batente, mais sapatos ditos colegiais. Missão cumprida, fomos em direção ao, para mim, desconhecido rumo.

Meu pai nos conduziu em seu valente jipe Willys, por íngremes, estreitos e sombrios caminhos a serem desbravados, em todos os sentidos. No meio daquela vereda, margeada pela mata exuberante e cerrada, em que mal se podia ver o céu, por entre o verde-escuro da vegetação – tão diferente dos ensolarados e claros campos onde vivia – lembrei daquela música, que entre outras tantas, ouvíamos todos juntos num antigo rádio que pertencera ao meu avô materno – televisão, nem pensar – e que dizia: “*y por el camino verde, camino verde que va a la ermita*” e a saudade antecipada começou a bater e eu desandei a chorar baixinho em direção ao desconhecido. E lá íamos nós, eu numa mescla de ansiedade e pavor, morro acima, morro abaixo, até que, de repente, avistamos no vale um minúsculo povoado: colégios, igreja, poucas moradias e uma grande casa comercial, para usar o linguajar de então. Havia ainda um arremedo de hotel no qual ficamos hospedados por alguns dias, cujo dono, um *nono*, ameaçava cobrar mais das crianças porque, segundo ele, faziam muito barulho (*baruffa*, para ser fiel às palavras dele).

Meus pais precisavam retornar aos pagos. Na hora da despedida, abraços já saudosos, recomendações de praxe, choros disfarçados de ambos os lados, eis que lembramos daquele item da lista não contemplado. Para não transgredir o regulamento, fomos à cata dele. Salvos pela sortida e única loja que, na frente da escola, exibia um grande estoque de tamancos. Meio sem jeito, experimentei alguns pares, todos rigorosamente iguais, variando apenas de

tamanho, nem sombra da variedade de calçados que, encantada, tinha visto na Eny.

Tamancos comprados, despedidas feitas, coração apertado, bagagens descarregadas, fui levada, entre curiosa e amedrontada, para acomodar meus pertences no devido lugar. No fundo do armário que me fora destinado, com um olhar de soslaio, temendo ser flagrada, confinei meus tamancos, relegando-os ao ostracismo, no canto mais remoto, na certeza de que não necessitaria deles, de que não me fariam falta.

Pois bem, na primeira semana de aula, observei que algumas alunas externas, além do forte odor de bergamotas ainda verdes, portavam tais calçados. E no primeiro domingo na nova casa, fomos convocadas para um passeio. Então descobri que era habitual aos domingos as alunas serem levadas – de tamancos, é claro – a passear pelos recônditos caminhos da hoje denominada Quarta Colônia. Fiquei sabendo então, qual a utilidade daquele menosprezado item. Enquanto a turma toda, de roldão, descia as escadarias – algumas rolando escada abaixo – em direção à rua, qual uma orquestra afinada, em uníssono no toloc-toc de seus instrumentos, lá ia eu, nariz empinado, no contraponto, destoando da harmonia do conjunto, com o som quase abafado do plaf-plaf das minhas sandálias, sob o olhar de reprovação da madre superiora. Mas, na volta, meus pés penhorados agradeciam, livres que ficavam de dores e bolhas. Benditas sandálias. Bendita transgressão – apesar dos conselhos. Bendita Eny. E a moda foi pegando. No semestre seguinte, já se ouvia mais o som do plaf-plaf nas escadarias.

Após dois longos anos, quando mudei de escola, deixei minhas rotas sandálias (que além de rotas já deixavam parte do calcanhar de fora), junto com meus desprezados tamancos, reclusos naquele lúgubre local, confinados que foram na solidão do canto escuro do armário. Parece até que ouvi pela porta entreaberta um sussurro entre eles, ao pé do ouvido. – Olha eu aqui, guria, novinho em folha. E tu aí, toda detonada pelas andanças por estes rudes caminhos. Mas... “se acaso me quiseres” – tal qual na música – podes ficar comigo, me fazer companhia, amenizar minha solidão. Te aprochege mais!

- Pois é, enquanto eu, batendo pernas, carregava aquela guria espevitada, tu estavas aí de folga, com as tuas para o ar. Mas, se me lewares para passear, vou te revelar os românticos recantos do vale.

E juntaram os trapos – ou melhor, os solados. E foram felizes para sempre!

Mutatis mutandis “sempre existe um tamanco novo para uma sandália velha”.

Não sei se *en aquel entonces* a Eny vendia tamancos. Não lembro. Só sei que por décadas afora temos continuado nossa parceria: calçados para escola, para os primeiros passeios *and so on*. E na adolescência, já em uma escola da cidade, era usual, aos sábados pelas manhã, sairmos aos bandos – sob o beneplácito da Irmã Consuelo – em revoada rumo à Eny em busca de novos sapatos que seriam exibidos em passeios dominicais.

O tempo foi andando, os saltos crescendo. Sapatos perolados – bem altos – para o casamento. Família aumentando, sapatinhos para os primeiros passos, chuteiras, tênis estraçalhados e chulepentos, os

primeiros sapatos sociais – sob protesto. Ainda a mochila para a primeira excursão, as malas para a esperada viagem e por aí seguimos em bases – literalmente - sólidas. O tempo foi passando – ou nós passando com ele. Por contingências os *tacones lejanos* já começaram a diminuir, estão cada vez mais perdendo altura em uma analogia com a descida pela montanha da vida. Mas a montanha é alta e a descida oxalá seja longa e suave, sem precipícios e despenhadeiros, pois como a Eny, quero passar dos oitenta e cinco.

Nostalgias e pieguices à parte, sempre há de ter um belo modelito para quem vê se aproximar a hora de descer das tamancas, mas que continua com paixão por sapatos. E quando a hora chegar tenho certeza de que sempre vou encontrar uma bela e confortável rasteirinha – ou uma pantufa.

Hoje, ao passar com frequência diante da vitrina da Eny Boutique, confesso, é difícil resistir às novidades. A bem da verdade devo acrescentar que, recentemente, ao requisitar o marceneiro de confiança para aumentar a sapateira aqui de casa, tive de ouvir dele com uma expressão de espanto: - Pra que tanto sapato?

- Vou doar alguns – respondi meio constrangida. Pra que não sei. Só sei o porquê. É impossível não ceder a tanto assédio. Continuo fiel. Resistir, quem há de?

“Uau para gatas”

Jéssica Dalcin da Silva

Nos idos da década de 1980, de filha única passei a irmã, e com ela, as birras e ciumeiras. Mas antes que ela completasse seu primeiro ano de vida, já me tornara uma irmã exemplar, e com o tempo, nos tornamos amigas que dividiam seus segredinhos. Eu, quatro anos mais velha, fazia questão de auxiliar na resolução das constantes agruras típicas da fase de minha irmãzinha: engatinhar, sentar, chupar o dedão do pé. Eventualmente, a ponta da meia.

Após, vieram as primeiras palavras, os balbucios e o não-entender de uma série de coisas. Minha irmã era particularmente inventiva no ressignificar das palavras. “Motocicleta” e “fotografia”, comumente chamados por “moto” e “foto”, tornaram-se “o amoto” e “o afoto”. Também havia o leite *conlensado* e o chocolate *nesclé*, outras das variações linguísticas encontradas pela (até hoje) pequena Luísa. Dividimos o quarto até que eu, casada, saísse da casa dos pais – o que nos permitiu vivenciar uma série de situações juntas, uma partilhando das memórias infantis da outra.

Certa tarde, nossa mãe nos convidou a irmos “comprar um chinelinho” para o papai, cujo aniversário se aproximava. Um passeio ao centro era sempre bem-vindo, sinônimo de um sorvete ou churros, e de uma visita à loja de brinquedos. Ainda, se déssemos sorte, poderíamos sair dela com algum joguinho.

Passamos na loja Eny Masculina, e após uma breve olhada nas vitrines, entramos para adquirir aquilo que em nada parecia um “chinelinho”. Era em tecido azul e fechada na traseira. Olhei na caixa: “alpargata”, nome que hoje sei, herdou da forma como era chamada pelos trabalhadores das docas espanholas, de onde se originou esta sapatilha, onde era amplamente usada pela sua leveza e robustez dos materiais empregados no feitio. Na década de 1980, foi moda entre homens e mulheres, e atualmente grifes famosas comercializam esta peça na Oscar Freire. Embora tenha conhecimento da importância deste calçado na indumentária gaúcha, que pode ser até utilizado como substituto informal da bota no traje masculino, com sete anos isso ainda era novidade. Minha maior dúvida era: como um calçado fechado poderia ser chamado de chinelo?

Chegando de volta em casa, esperei voltarmos ao quarto e confidenciei à irmã, com ares de sapiência de quem descobre algo inédito: “aquilo não é chinelo. É alpargata.”

Na semana que se seguiu, cresceu a minha excitação – e a de Luísa – sobre o aniversário do papai e se ele gostaria do presente. Chegado o dia do festejo, entregamos o pacote, e ele, agradecido, logo imaginou

do que se tratava, ao ver a tradicional marca estampando o papel do presente. Abriu, calçou, serviu. Mais que isso: gostou. E ali entendi a similaridade da alpargata com o chinelo – dobrar a parte traseira do calçado e pisar com o calcanhar, sobrepujando-a, era parte do “charme” de se usar a sapatilha. Um meio sorriso se evidenciou em minha face, satisfeita que fiquei em ter compreendido o mistério.

Porém, no rosto de Luísa não havia a mesma alegria; estava mais para decepção. Sua mente infantil confabulara coisas espetaculares durante a semana, antevendo o que sairia daquela caixa de sapatos quando o papai a abrisse. Seria mágico? Ou viria com algum brinquedo? Afinal, só um sapato maravilhoso poderia levar o nome de *uau para gatas*.

Um dia para a vida toda

Murillo Jaime Leão

Sou funcionário da Casa Eny há alguns anos. Mas não vou escrever sobre esse tempo, e sim, apenas, sobre uma curta [longa] história que se passou.

Logo no início, quando comecei a trabalhar, eu havia feito uma venda a uma senhora muito bonita e de boa aparência. Ela comprou dois pares de sapatos – lembro-me bem: um de salto alto, azul e bem chamativo e outro de tom avermelhado, um pouco mais baixo – mas os deixou na loja, pois depois os buscaria.

Mais à tardinha, alguém foi à loja e buscou as compras que eu havia separado – quem entregou foi um dos outros funcionários. Lembro-me que, naquele dia, a loja estava com um movimento incalculável. Estávamos todos muito atarefados, portanto era entendível que alguns “erros” fossem cometidos.

Aproximadamente meia hora depois, chegou um casal para pegar uma outra encomenda e, para minha surpresa, não estava lá. Estava o pacote com os sapatos da senhora. Então percebi que haviam feito a entrega do pacote errado à pessoa errada. Avisei o

gerente, anotei o endereço da senhora que havia feito a compra, peguei o pacote certo e fui, com meu carro, à residência da senhora para fazer a troca. Até então tudo dentro do possível.

Ao chegar lá, a pessoa que buscara os calçados errados ainda não havia chegado. Sentei-me e esperei. O que eu não sabia é que a pessoa que havia, por equívoco nosso, pego a encomenda errada, estava na loja à minha espera para fazer a mesma troca que eu pretendia. O gerente tentava me ligar, mas estava com o celular sem bateria – aliás é interessante como esses aparelhos teimam em ficar sem carga quando precisamos deles. A senhora, que estava comigo, tentava ligar para o “buscante do pacote”, o qual, por algum motivo, não lhe atendia. Ficamos assim por volta de 20 minutos: eu na casa da pessoa para fazer a troca e a pessoa na loja, com o mesmo objetivo. Esperei mais um pouco e nada. Decidi então voltar com os calçados para a loja. Pedi à senhora que me recepcionou que, por favor, pedisse para quem havia pego o pacote que voltasse à loja para fazer a troca. Pedi desculpas pelo erro, logicamente. Ela concordou sem maiores problemas.

Agora, em um comentário à parte, é impressionante: quando o seu dia tem que dar errado, dá. De todas as maneiras possíveis, aquele dia estava me estressando e, como se não fosse o bastante, ainda tinha mais – muito mais.

Mais uma vez estava eu dentro do meu carro com o pacote, mas agora voltando para o serviço, quando, de repente, um carro branco corta a minha frente provocando um acidente em plena avenida

principal. Isso foi a gota d'água. A motorista (morena clara, bonita – apesar de arrogante) desceu do carro já me xingando. Se ela estava estressada por causa do seu dia cansativo eu não sei, mas eu estava! E não era uma boa hora para levar desaforo para casa. Eu sabia que ela é que estava errada, porém ela sabia que eu é que estava. Sei que não chegamos a acordo nenhum, aliás nem poderíamos, pois ela parecia não admitir seu erro, assim como eu não admitia ter errado. O trânsito? Trancado! Buzinas e buzinas à nossa volta. A cada três de nossos xingamentos, um era dirigido aos motoristas “estressadinhos” que queriam passar (é lógico que eles tinham razão, mas estávamos tão estressados um com o outro que não estávamos nem ligando).

Não deu outra: fomos parar na delegacia. Acredito que nunca havia dito tantos desaforos a alguém, tampouco havia os ouvido. Fomos presos: ela por ter agredido um guarda que tentava acalmá-la e eu por ter desrespeitado um dos guardas que a defendia.

Imagine a minha felicidade: saio, tranquilamente para trabalhar, imaginando ser mais um dia de trabalho e quando menos espero acabo sendo preso. Seria engraçado se não fosse trágico.

Na cela, só conseguia culpar aquela mulher. Devia regular de idade comigo, 25 anos, mas com mentalidade de 15. O que me acalmava era saber que ela também havia sido presa – bem feito! Querem direitos iguais? Dê-le prisão para elas (estava com tanto ódio que minha raiva se generalizou a todas as mulheres, coitadas).

Já havia visto em alguns filmes policiais que eu tinha direito a um telefonema (depois ainda dizem que

filmes não são educativos). Liguei para meu chefe acreditando que ia ouvir críticas, mas, ao contrário, ele quase teve um “treco” de tanto rir. Menos mal, mas fiquei indignado. Pense: eu preso, irritadíssimo e ele rindo da minha cara. Impressionante.

Depois de algum tempo ele me buscou.

No outro dia, na loja, logicamente que eu fui a piada do dia. O pacote para a troca estava na loja. O gerente decidiu que aquilo já tinha causado incômodos demais.

Pela parte da tarde, a moça que “provocara” o acidente entrou na loja e eu prontamente fui recepcioná-la:

- Vejam só, como deixam pessoas perigosas soltas da cadeia?

- Digo o mesmo.

- Veio a pé, não foi? Porque devem ter caçado a sua carteira de motorista.

- Escute aqui, senhor. Não gostaria de lhe encontrar novamente, mas se o destino insiste em colocar-lhe na minha frente, por favor, busque a encomenda correta, pois ontem me entregaram esta que está trocada.

Como dizem: ‘me caíram os butiás do bolso’. Como assim? A “cegueta” que demoliu o meu carro é a pessoa que eu precisava encontrar? Não pode. Devia ser uma brincadeira.

Pois não era: era ela mesma.

Admito que nunca acreditei em destino, mas devo admitir: depois que me casei com “a moça que pegou a encomenda errada, destruiu meu carro, foi presa na mesma ocasião que eu e que, casualmente

estava em uma festa naquele fim de semana – onde pudemos nos conhecer mais”, passei a pensar que o acaso não existe. Foram coincidências demais, não é possível que fosse tudo obra do acaso. O destino deve ter influenciado. Mas o que importa é que atualmente temos um casal de gêmeos e, até hoje, guardamos aqueles sapatos que “nos juntaram” há alguns anos.

Um anjo chamado Amigo

Murillo Jaime Leão

Lembro-me como se fosse hoje – e veja que minha memória não é das melhores – daquela tarde de sábado. Caminhávamos pelo calçadão da cidade: Marquinhos, sua mãe e eu. Quinho, como costumava chamá-lo, era meu melhor amigo. Tínhamos sete anos, mas nos conhecemos aos cinco, no jardim de infância. Brincávamos por horas infindáveis e jamais cansávamos um do outro.

Naquele sábado, a mãe de Quinho levou-nos para tomar sorvete no centro da cidade. Era muito bom passar o tempo com ele, pois além de querido, sempre fazia com que me sentisse bem. Ele era um amor.

Parece que estou escutando a voz dele a me contar:

Quando éramos pequenos, Mari, estar com você era a minha maior felicidade. Lembra-se daquele sábado em que fomos ao centro com minha mãe? Estávamos andando com ela e você parou em frente à Casa Eny e, encantada com uma botinha que havia na vitrine, nem escutava o que falávamos.

Depois que lhe deixamos em casa, fiz minha mãe ir comigo até a loja para comprar as tais botas, pois sabia que seria seu aniversário dali a uma semana. Compramos. E eu, como sempre, estava ansioso para que chegasse a data para que pudesse lhe surpreender.

Na segunda-feira, na escola, quase morri entediado. Não sabia o porquê, mas você não foi à aula naquela tarde - nem no dia seguinte, nem no outro. Decidi então ir até a sua casa, mas qual a minha surpresa? Sua vizinha falou que você havia saído de viagem e ainda não havia voltado.

Sabe como são as crianças, imaginam sempre que a pessoa não vai demorar, e logo estará de volta, porém não foi assim. Passou-se um mês, dois... já não sabia mais por que você não entrava em contato. Ir embora e nem mesmo se despedir. Admito que, por algum tempo, senti raiva disso tudo. Sempre que eu olhava para as botinhas, as quais eu havia comprado para você, minha vontade era de colocar fogo, jogar fora, enterrar... mas as guardei. Guardei como símbolo do que eu acreditava ser uma amizade verdadeira.

O tempo passou e, com quinze anos, fiquei sabendo, por um de nossos colegas daquele tempo, que você havia sofrido um acidente de carro. Acidente que a fez ficar internada por um bom tempo na capital. Sim, eu fui um idiota por pensar que você tivesse ido embora sem dar satisfações. Acreditar que, por não se importar comigo, nunca mais deu notícias. Fui um tolo.

Cada vez que me lembro dessa história, me emociono. Quinho se deu ao trabalho de buscar o meu endereço; de procurar saber onde poderia me

encontrar, mesmo sabendo que estava a quase 300km de distância.

Em uma tarde de outono, ouvi a campainha tocar e minha mãe a conversar com uma pessoa. Um rapaz, pela voz. Escutei... mal, mas escutei: “Marquinhos”. Ouvi ainda minha mãe falando sobre o acidente que tínhamos sofrido há 8 anos e mencionar que eu estava no quarto, mas que não podia ver ninguém.

Quinho insistiu e ela cedeu. Mas pude também escutar ela perguntando:

- Mariana, depois do acidente, perdeu grande parte dos sentidos. Não esboça reações nem mesmo faz movimentos que exijam muito dela. Tem certeza de que quer vê-la?

- Tudo bem, apenas vim visitá-la, pois éramos muito amigos e, de certo modo, pedir desculpas por ter acreditado, todos estes anos, que ela havia me abandonado. Se eu soubesse o que havia acontecido, teria lhes procurado no mesmo dia do desastre.

- Imagino como deve ter se sentido, mas aconteceu tudo tão de pressa, não pensamos em nada e lembro-me de que vocês estavam sempre juntos, realmente.

Minha mãe trouxe-o até meu quarto. Ele se espantou um pouco ao me ver, mas sorriu e sentou-se na cama. Segurou minha mão e falou sobre saudades e distâncias.

Seu rosto já não era mais o de um menino. Não mudara muito, mas seus traços faciais já se mostravam mais marcantes, seus olhos estavam mais expressivos.

Eu queria; me esforçava ao máximo para demonstrar tamanha felicidade por sua presença, mas meu corpo não respondia. Minhas mãos não se mexiam. Sentia sim; podia sentir sua mão agarrada à minha, mas não podia agarrar à sua. Por dentro minha alma estava eufórica por ver um pedaço do meu passado à minha frente, mas por fora, meu corpo não dava sinal algum dessa euforia toda.

Ao vê-lo pegar um pacote nas mãos e, de dentro, tirar as botinhas pelas quais me apaixonei naquela vez, nem mesmo meu corpo e meu organismo foram capazes de suportar a emoção, deixando rolar uma lágrima por minha face. Precisava-se ver a expressão de Quinho. Sua alegria por ver minha reação era incalculável. Pude notar a felicidade de minha mãe também, não conteve as lágrimas, afinal isso era um sinal de que eu podia entender tudo o que se passava.

Devido às consequências do acidente, minha memória dos acontecimentos “pós-trauma” ficou muito debilitada. Esqueço com facilidade das coisas que acontecem. Porém, o que vivi antes de me acidentar, está vivo em minha mente como se fosse algo recente. O que mais lembro é daquele sábado, pois foi meu último dia como pessoa sã. Vivi, dos sete aos quinze anos, em um abismo de solidão, um mar de angústias... mas tudo mudou ao ver Quinho entrar por aquela porta e ainda me entregar o presente que há tanto guardava. Mal sabia ele que aquele ato seria o guindaste que me tiraria daquela obscura imensidão.

Hoje, aos 25 anos, consigo fazer movimentos leves, expressar pequenos sorrisos, falar pequenas palavras, etc. Descobri, dentro de mim, a vontade de

viver; o desejo de estar bem. Ou melhor, descobri um motivo para estar bem: recuperar todo o tempo ao lado das pessoas que eu amo. Não só de Quinho, mas de meus pais, que fazem o possível para que eu me sinta bem. Hoje consigo sorrir toda vez que eles vêm me ver.

Agora, quando me emociono, todos percebem. Meu corpo consegue demonstrar o que sinto. Não estou mais presa à impressão fria que eu aparentava. Tornei-me, aos olhos dos outros, novamente um ser com sentimentos, pois estes estão, agora, visíveis, perceptíveis.

As botinhas? Cá estão, penduradas no teto, sobre minha cama. Todas as noites antes de dormir, agradeço, olhando para elas, por tudo que “voltei a ter”. Mas agradeço principalmente por aquilo que sempre tive, mesmo sem saber: um grande amigo.

O meu presente inesquecível

Nei Jorge dos Santos Silva

Meus olhos adolescentes não conseguiram se desgrudar do mocassim marrom exposto na vitrine. Dentre tantos outros pares de sapatos masculinos, ele emergia com uma força tal, que meu olhar ficou preso. Eu não gostava muito de sapatos marrons. Preferia os pretos. Acho que por sempre ter usado sapatos pretos comprados por meus pais, nunca havia cogitado usar sapatos marrons. Eu tinha quatorze anos. Estudava na Escola Industrial Hugo Taylor. Filho de cooperativista tinha direito de comprar na Cooperativa dos Empregados da Viação Férrea, uma loja incrível para os anos 60. Lá também havia calçados. De lá saíram os sapatos colegiais pretos que eu tinha nos pés naquela manhã de agosto. Mas, aquele sapato...! Ah, aquele sapato era demais! Pensei que dia estava. 17 de agosto. Dia primeiro de setembro era meu aniversário. Faria 15 anos em 14 dias. Ainda com os olhos vidrados no mocassim que brilhava na vitrine da Casa Eny, uma idéia fez meu coração bater mais forte. É meu presente de aniversário! O entusiasmo e a alegria de antever aquele sapato

em meus pés me levou num impulso para dentro da loja. Quando percebi estava no balcão e havia pedido para experimentar o sapato. O balconista chegou com a caixa escura onde se lia a marca do sapato: Samello. Abri a caixa devagarinho, como se dentro estivesse uma ave rara prestes a escapar de minhas mãos. O balconista percebeu minha emoção. Ao invés de tirar o produto de dentro da caixa, deixou-me viver aquela emoção que transcendia às palavras ou gestos. Quando toquei o couro macio e luzidio, senti que o sapato era meu. Hoje, adulto, quando leio a paixão de muitos por sapatos, recordo aquele dia. Vidrado no calçado eu sentei e tirei os sapatos colegiais pesados. O mocassim Samello entrou como uma luva macia de pelica em meus pés. Levantei-me e caminhei pela loja. Era como se flutuasse. A leveza e o conforto me disseram que até então eu só tinha calçado tamancos. Após entregar os calçados eu pedi ao vendedor que os reservasse para mim por alguns dias. Ele pronunciou uma frase que gelou meu coração: “Só tem este par. Posso reservar até amanhã..”. Lembro-me de ter perguntado o nome dele e anotado em meu caderno escolar. Fui para casa com um só pensamento: “O sapato é meu, o sapato é meu, o sapato é meu...”. Cheguei em casa quase na hora do almoço. Mesa posta, a comida caseira da Dona Ercilia chegou como sempre, cheirosa e irresistível. Sentou meu pai, minha mãe, tia Cila e vô Trajano. Almoçamos e antes de cruzarmos os talheres eu não agüentei mais: “Mãe, eu já escolhi o meu presente de aniversário”. “Mas, filho ainda falta...” “E só tem um na loja, se não for comprado até amanhã, eu perderei

para sempre o melhor presente que já tive” Arrematei direto, sem meias palavras. “Mas, filho...” Tentou dizer meu pai. “Já reservei ele na Casa Eny e aqui está o vendedor que sabe qual ele é...” Disse alcançando uma folha do caderno onde estava o nome do vendedor, Osvaldo. “Filho, nós tínhamos pensado em ...” “Mãe, nunca escolhi presente, sempre foi surpresa, mas este é diferente. Vou fazer 15 anos, sou um homem agora..” Ponderei. E disse mais: “Para as gurias quando fazem 15 anos dão uma festa igual a um casamento. E para o menino que faz 15 anos o que dão? Dúvida? Impossível?” “Filho....” tentou consolar-me minha mãe com voz carinhosa. “Mãe, lamento, mas quero este presente. Se não for este não precisa me dar nenhum outro”. Disse isto e saí da mesa com os olhos cheios de lágrimas. Não se falou mais no presente. No outro dia, e nos demais, não passei na loja Eny. Não ousei olhar a vitrine. Não suportaria. Chegou o dia do aniversário. Não consegui pregar o olho durante à noite. Ninguém mais tinha falado no presente. Pela manhã, no café, meu vô Trajano veio me dar os parabéns. A tia Cila e finalmente meu pai e minha mãe. Nos braços eles traziam um pacote que não se parecia nada com a caixa de sapatos. Pronto! Tentei voltar para o quarto, mas fui impedido por meu pai que me abraçou forte e minha mãe também. “Feliz Aniversário, meu filho! Este é o nosso presente.”. O carinho deles me venceu. Mesmo que não tivessem comprado, e pela forma do pacote era o que parecia, eu aceitei os abraços e beijos de minha família. Peguei o pacote grande e pesado, pus sobre a mesa

e o abri. Havia uma bola “oficial” linda, marca Drible, um cinto marron, uma camisa esporte e uma caixa de sapatos marca...Samello. Dentro, o “meu” sapato mocassin, marrom. Deixei os outros presentes de lado e o calcei. Caminhei, pulei, chorei, abracei a todos e disse em voz alta cheio de alegria: “Esse é o meu aniversário mais feliz da minha vida! Muito, muito obrigado!”

Com graxa ou sem graxa, Viva o sapato!

Nei Jorge dos Santos Silva

Meu pai e minha mãe sempre foram zelosos com os sapatos da família. Era uma época que era comum haver engraxates no centro da cidade. Hoje, são raros. Com o advento do tênis e do brilho artificializado dos novos produtos com que são fabricados os sapatos, “lustrar” os sapatos é coisa do passado. Ainda há, e creio que sempre haverá os que como eu, cuidam pessoalmente da conservação de seus calçados. Antigamente era graxa para sapatos, hoje é “mousse” para calçados. As coisas mudaram. Na Avenida Rio Branco ainda podemos encontrar engraxates. Talvez um ou dois. Antigamente havia poltronas em determinados cafés e tabacarias onde engraxates bem alinhados concorriam entre si para serem o melhor. Vencia o que desse maior brilho nos sapatos dos clientes. Havia alguns que até samba tocavam ao passar o pano sobre o couro dos sapatos. O trabalho completo seria tinta e graxa, um preço. Só graxa, preço menor, claro. Botas, o preço maior. Havia os engraxates fixos e os que percorriam o centro da cidade com uma caixa de madeira presa ao ombro. Artesanalmente feita em casa, não ra-

ras vezes construída pelo próprio engraxate. Personalidades famosas foram engraxates. Pelé, por exemplo. Eram meninos que perambulavam pelo centro olhando atentamente para baixo, diretamente para os pés que “precisavam” de lustro e de graxa. Escolhido o eventual cliente, se aproximavam apontando o dedo indicador para os sapatos perguntando: “Graxa, moço?”. Quando o cliente aceitava engraxar os sapatos rapidamente eles retiravam do interior de sua caixa as ferramentas necessárias, pano, escova, graxa, tinta. Sentava sobre a caixa, o cliente colocava o pé sobre o local apropriado e eles imediatamente puxavam conversa. Tentando ganhar a simpatia e com isso, uma gorjeta ao final do trabalho. “Com sambinha?” Os mais experientes perguntavam na tentativa de mostrar sua competência na execução do trabalho. Tinham o cuidado de proteger da graxa as meias do cliente com lâminas de papelão também produzidas por eles com cuidado e tamanho certo. Dez, quinze minutos era o suficiente para deixarem os sapatos brilhando. Os mais espertos muitas vezes traziam um jornal do dia, que pediam nas bancas, e era um artifício para que o cliente decidisse “engraxar” os sapatos. “Faço a graxa enquanto o senhor lê o jornal, moço, aceita?” Diziam mostrando o jornal. “É de hoje. O Riograndense ganha domingo?”. Meninos espertos. Muitos convenciam o cliente e com isso aumentavam a fêria do dia. Ainda hoje, os sapatos possuem uma magia sobre muitos seres humanos. Sofrem uma concorrência severa dos tênis, que são programados com uma tecnologia extraordinária. Possuem efeitos jamais sonhados. Cores, texturas, formas incríveis. Uns são os “tops”. Têm amor-

tecedores, luzes de sinalização, palmilhas eletrônicas e alguns até chip para localização via GPS. Patrocinam a Copa do Mundo, campeonatos de todos os esportes e são disputadíssimos pelos jovens da atualidade. Os idosos já se renderam ao seu conforto e sua praticidade. Nas academias de ginástica desfilam tênis de 500, 600 reais, por pessoas que ostentam orgulhosas nos pés, grifes de renomes internacionais. Contribuem para a saúde dos pés e massageiam o ego cada dia mais inflado dos que adoram um glamour. Quando passam, os olhos dos outros não conseguem esconder certa inveja pelo suposto poder aquisitivo do(a)s privilegiado(a)s detentores do objeto de desejo. Nas lojas de calçados os tênis começaram tímidos. Era chamado de “guids”, alguém lembra? Surgiram ocupando uma prateleira. Depois um setor e hoje já possuem lojas somente deles. Ontem os sapatos, hoje, os tênis. Mas, quem um dia foi rei será que perdeu a majestade? Por mais valiosos que sejam, pela grife mais “in” que possam pertencer, os tênis são admitidos nas cerimônias mais importantes? Não. Nos casamentos, nos bailes, nos encontros profissionais mais solenes, somente o sapato será reconhecido como adequado a representar o calçado do homem e da mulher. O sapato hoje já recebeu um primo, o sapatênis. Inteligentemente criado pelos laboratórios das grandes fábricas, o sapatênis é um misto de sapato e tênis, buscando seduzir o mercado intermediário de calçados. Esportivo e confortável se situa entre um e outro, fundindo a tendência conservadora e casual. Já têm muitos adeptos, especialmente os profissionais liberais mais jovens. Sobre sapatos, lembro-me quando Seu Claudino, meu pai, contava de

um colega de trabalho que era fascinado pelos próprios sapatos. Ele chegava ao serviço, tirava os sapatos e calçava outros, os de trabalho. Passava uma leve camada de graxa nos sapatos “de sair” e os guardava no armário. Após, o trabalho, retirava os sapatos do armário, onde guardava os de trabalho, passava a escova, pano, os calçava e ia para casa. Segundo meu pai, seus calçados eram como vidro e brilhavam como um espelho. Dona Ercilia, minha mãe, achando um exagero tamanho desvelo pelos sapatos, comentava: “Assim é demais, é um doente, coitado!”. Meu pai ignorava as observações irônicas de minha mãe e seguia descrevendo os cuidados extremados do seu colega para com seus sapatos. Um dia, quando chovia torrencialmente perguntei: “Pai e seu colega que cuida tanto dos sapatos como ele faz em dias de chuva como hoje?” Meu pai respondeu com a calma de sempre: “Galochas, meu filho, galochas...” Anjo da guarda dos sapatos nos dias de chuva, naquela época as galochas eram comuns. Ainda existiriam hoje? Não sei, creio que não. Talvez tenham desaparecido diante da evolução, com as mudanças necessárias(?) aos novos tempos. Mas, ainda guardo a lição de meu pai e de minha mãe no cuidado com meus sapatos. Nesse quesito, também tenho minha caixa de engraxate. Ali, estão contidas todas as ferramentas para manter meus sapatos brilhando. Mousses de diversas cores e tonalidades. Azuis, marrons, pretas, incolores. Marron Escuro, claro. Preto marfim. Todas aplicadas sempre com especial liturgia e carinho sobre o couro macio e luzidio de meus sapatos. Eles respondem como flores. Ao carinho, maciez, conforto e beleza. Afinal, são eles que me conduzem

por esse mundo que muda cada vez mais rápido. Apesar de toda a evolução industrial e científica, o sapato tradicional continua merecendo as honras da majestade que sempre foi. Ele é a realeza, a beleza insuperável e condição “sine qua non” da classe e da elegância. Com todo o respeito ao tênis, ao sapatênis, à sandália, ao chinelo e todos seus parentes, finalizo com uma frase que diz tudo: Com graxa ou sem graxa, viva o sapato!

Como se fosse um peep toe fora de moda

Paola P. de Bittencourt

Santa Maria. Outono de 2010.

Anne e Danilo estavam casados há seis meses. Mas as coisas entre o casal não iam bem. Ou melhor, as coisas entre eles, simplesmente, não eram mais como antes.

Não existia mais aquele bom dia animado. Não assistiam mais a filmes embaixo do edredom de bichinhos que Anne comprara no outono passado. Eles mal se cumprimentavam à mesa enquanto tomavam café.

Danilo fez uma regressão mental tentando procurar em suas memórias alguma atitude sua. Talvez um gesto errado ou uma palavra dura. Algo que tivesse feito com que as coisas estivessem assim, tão... distantes.

Ele tentou se lembrar da última vez em que Anne havia beijado seu rosto e dito que o amava.

Foi há três meses, no dia de aniversário de casamento deles, quando Danilo levou Anne às compras. Um flashback o fez reviver aquele dia.

Após uma tarde perambulando pelo centro caoticamente movimentado de Santa Maria, Anne o fez parar abruptamente ao passarem em frente à vitrine da Eny Boutique. Ele sabia que aquela expressão de êxtase que Anne trazia no rosto só podia significar uma coisa: seu amor incontável por sapatos estava se manifestando.

-Ai, olha só que perfeito aquele peep toe rosa Dan! Você acha que eu devia experimentá-lo? Acho que é a minha cara!

Danilo achou graça. Sabia que a mulher só tinha um vício: era uma sapatólatra assumida e pelo menos duas vezes por mês visitava lojas em busca da última moda para seus pés.

Havia sido inclusive graças a uma das lojas Eny da cidade que ele e Anne se conheceram, uma vez que seu primeiro emprego havia sido como vendedor da Eny do Monet Plaza Shopping, loja essa que Anne frequentava sempre que precisava de um novo tênis adequado aos seus exercícios físicos.

Após experimentar o sapato, Anne sorriu sentindo a mais pura alegria.

-O que você achou Dan?

Ele limitou-se a sorrir.

-Linda.

Anne deu mais algumas voltas pela loja e por fim decidiu-se por levar apenas aquele par.

Danilo já havia se acostumado com o fato de que a mulher não economizava no momento de comprar seus amados sapatos, mas para ele ainda era desconfortável gastar algumas centenas de reais em um simples sapato com um buraco na frente. Mas tudo o

que ele mais queria era ver a mulher feliz, nem que para isso precisasse fazer alguns sacrifícios. E naquele momento ele sentia-se grato por poder voltar para casa com a mulher que ele havia escolhido para amar, que ao lhe dar beijinhos no rosto sussurrava que o amava muito e depois seguia a tagarelar sem parar enchendo os ouvidos de Danilo com o alegre som de seu riso.

Mas tudo muda nessa vida não é? É algo parecido com um ciclo.

Ele voltou a se concentrar em mastigar seu sanduíche de queijo quente. E ainda que não quisesse as palavras de Anne giravam lentamente a sua frente, entrando e saindo por seus ouvidos com uma frequência irritante. Dolorida. Confusa.

Um pouco mais cedo, naquela manhã quando ele acordou a mulher estava sentada na beirada da cama, os olhos fechados e a expressão séria.

-Dan, sei que está acordado. Nós... – ela hesitou – Precisamos conversar. Sei que você já percebeu que as coisas não estão... Fluindo bem entre a gente. Cuspei a acreditar que esse fosse realmente o fim de tudo. Mas está na hora de encarar as coisas de frente, com maturidade. Eu acho que tudo o que vivemos foi muito lindo, mas nesse instante creio que seria melhor que cada um seguisse o seu caminho. – Ela finalmente olhou-o nos olhos. Danilo sentia-se tonto depois da enxurrada brusca de palavras. Nada do que ela dizia parecia plausível para ele. Porém Anne não estava brincando, seu olhar demonstrava que essa era a sua decisão, e não havia nada que a faria voltar atrás.

Danilo levantou-se num salto e seguiu atrás dela enquanto Anne deslocava-se até o banheiro.

-Como assim é o fim Anelise? Desde quando você enjoa tão fácil assim das pessoas? – E ao pronunciar em voz alta essas palavras a verdade subitamente apareceu bem em frente aos olhos de Danilo, quase como se estivesse refletida no grande espelho onde agora Anne olhava-se enquanto escovava os cabelos. – Oh, claro. Agora eu entendi. Você sempre tratou tudo na vida igual tratava seus lindos e preciosos sapatos. Enquanto estavam na vitrine e eram novidade você se dizia apaixonada por eles, os colocava na prateleira mais visível do armário e não cansava de dizer o quanto estavam na moda. Agora, depois que perdiam a graça você simplesmente jogava numa caixa e fazia de conta que ele não existia, uma vez que não te servia mais. E agora, eu sou para você apenas um daqueles sapatos escandalosos furados na frente, um de seus peep toe, que saiu de moda e não serve mais para abrilhantar você mesma, não é?

Danilo sentiu o mundo despedaçar-se a sua volta. Ele sentiu-se como aquele sapato alto e desbotado que agora jazia sem uso em uma velha caixa no armário. Sentiu-se sem vida e fora de moda, como o peep toe que havia comprado para Anne há exatos três meses e que agora estava jogado em um canto, apenas porque rosa não era mais a cor da moda. E naquele ciclo, dessa vez, ele é que estava fora dos padrões.

Sem fazer mala nem pegar suas coisas ele decidiu que era hora de recomeçar. Longe dos sapatos e da loucura de Anne.

Ele vestiu um jeans, um all-star, um casaco e saiu. Foi até uma Cafeteria e pediu um bom café da manhã.

Por alguns momentos ele até poderia estar fora da moda, mas nada de ficar fora de forma. Porque antes de tudo, não era nenhum problema sentir-se um sapato velho. Mas pelo menos seria um sapato velho bem bonito e pronto para novos pés que o soubessem valorizar, não importando se ele estava dentro ou não dos padrões da última moda calçadista.

Meus sapatos de verniz

Ruben Boelter

Passei parte da minha infância e adolescência na cidade de Cachoeira do Sul e naquela época, no dia a dia, era comum usar chinelos ou alpargatas, pois os sapatos custavam caro e serviam para ir ao colégio, missa e outras ocasiões especiais.

Além do mais, os sapatos não eram tão confortáveis como os de hoje, o couro era duro e apertavam muito e quando chegávamos em casa após um passeio, imediatamente tirávamos os sapatos dos pés, com um grande suspiro de alívio.

Nem todas as pessoas tinham mais de um par de sapatos, eu possuía só um, que deveria durar até rasgar do lado ou em cima e se o estrago fosse na sola, que era de couro, a solução seria levar ao sapateiro para fazer uma meia sola.

Normalmente, os sapatos furavam próximo ao dedão do pé e como o conserto demorava alguns dias, muitas vezes eu colocava um pedaço de papelão pelo lado de dentro, e esperava para ir ao sapateiro num final de semana.

Enquanto os meus sapatos estavam sendo consertados, eu ia ao colégio de alpargatas, que minha mãe,

que tinha ido à Santa Maria comprou para mim na Casa Eny.

Nos dias de chuva quando os sapatos molhavam, eram colocados no forno à lenha para serem secados.

Ganhar sapatos novos, somente quando não tinha mais conserto ou quando os pés ainda estavam na fase de crescimento, e mesmo assim eles eram repassados para o irmão menor ou algum parente.

Por esse motivo, eu cuidava dos meus sapatos como quem cuida do seu carro e nos fins de semana eu os limpava com uma escova, engraxava com a famosa pasta Nugget, se necessário pintava, passava um pano de flanela e deixava-os brilhando.

Os anos passaram e após concluir o ginásio vim para o Internato do Colégio Santa Maria com a finalidade de dar continuidade aos meus estudos.

Logo que chegamos, recebemos as instruções sobre o regimento interno do colégio e do material necessário para ser usado, tais como sapato preto, chinelo e para as aulas de Educação Física, calção, chuteira ou um Kichute.

Finalizadas as recomendações, perguntei ao professor em que loja eu poderia comprar os calçados solicitados.

A resposta veio na hora : na Casa Eny.

Embora eu tivesse morado por algum tempo em Santa Maria quando ainda criança, não me lembrava da localização da loja, mas um colega levou-me até a rua Venâncio Aires na esquina com a Av. Rio Branco, no térreo do edifício Cauduro, mostrando-me a vitrine da Casa Eny, na qual estava exposta uma grande variedade de calçados.

Nos domingos e feriados tínhamos a permissão para sair do internato, passear pela cidade, visitar parentes, ir ao cinema, foi quando observei que em vários locais da Av. Rio Branco, além de engraxatarias havia bancas nas calçadas com cadeiras apropriadas para sentar-se e lustrar os sapatos.

Meninos e rapazes engraxavam e pintavam os sapatos, tendo o máximo de cuidado para não sujar as meias, colocando sobre elas dois protetores de papelão e ainda batucavam um samba ao lustrá-los com um pedaço de pano.

Eventualmente, quando sobrava algum dinheiro, mandava engraxar e lustrar meus sapatos por eles, livrando-me dessa tarefa que eu não gostava muito de fazer, mas imposta pela disciplina rígida do internato.

Num domingo passeando pela cidade, resolvi ir até a Casa Eny e olhar se os sapatos ainda que estavam expostos nas vitrines.

Havia várias marcas de sapatos, entre elas os famosos sapatos Clark, mas o que mais chamou minha atenção foi um sapato de verniz.

Além de ser um sapato forte, elegante, durável era econômico e eu não gastaria mais em pasta e tinta, pouparia o trabalho de engraxá-lo, pois bastava passar um pano de flanela úmido ou seco para manter o brilho do verniz.

Embora fosse um sapato muito caro e a minha mesada muito pequena, resolvi que iria dar um jeito de comprá-lo e comecei economizando minha mesada.

Diminuí os gastos com supérfluos, escrevi aos meus pais que não iria para casa durante dois meses e desta maneira pouparia o dinheiro das passagens de ônibus para Cachoeira do Sul.

Enquanto as minhas economias não atingissem o valor estipulado, eu passava em frente das vitrines da Casa Eny para ver se o tão desejado sapato ainda não fora vendido.

Naquele ano a cidade estava se preparando para a inauguração do Cinema Glória e eu queria estar presente neste evento calçando meus sapatos novos.

Quando, finalmente eu havia economizado o valor dos referidos sapatos, botei o dinheiro no bolso, fui até a Casa Eny e comprei os sapatos e como naquela época a loja não oferecia as vantagens do crediário, o pagamento foi à vista.

O dia da inauguração do Cine Glória chegou, as pessoas se aglomeraram na sua frente e à medida que iam entrando, maravilhavam-se com a beleza e a grandiosidade do interior do novo cinema.

Quando todos já estavam acomodados nas confortáveis poltronas do cinema, as águas dançantes e coloridas localizadas no palco, foram acionadas e ao som do Bolero de Ravel deu-se início a projeção de fotos com a propaganda das firmas de Santa Maria, entre elas a Casa Eny.

Simultaneamente, as grandes cortinas abriram-se vagarosamente, dando lugar a uma enorme tela branca retangular onde seria projetado um filme em Cinemascope.

Foi um domingo inesquecível e no meio daquela multidão estava eu, orgulhoso com meus sapatos de verniz...

PARTE II
Autores Convidados

Pesadelo

Ruth Farias Larré

CALÇA N.º 34

Sempre fui louca por sapatos. Em menina, a escassez de recursos da família só me permitia ter o sapatinho preto da escola (que devia durar o ano inteiro, com periódicas e indispensáveis tinturas e meias-solas), o tênis branco de lona para ginástica (que minha mãe vivia a lavar e a pintar), mais a sandalhinha do verão (presente de Natal) e, quando possível, um modelinho fechado para os frios do inverno.

De qualquer jeito, lembro bem que, desde bem cedo, eu incomodava a mãe para ir junto comprar o calçado. Fazia questão de escolhê-lo do meu gosto e abria um berreiro se ela quisesse me impor algo de que eu não gostasse.

Depois de completar 15 anos, quando comecei a trabalhar, lembro bem que, do meu primeiro salário, tratei de comprar um sapato novo, agora já com o saltinho de cerca de 3cm, que era, na época, o adequado para mocinhas com aquela idade. Deus! Não lembro dos detalhes do modelo, mas nunca vou esquecer o encantamento com aquele primeiro sapato comprado com o **meu** dinheiro. Toda vez que o usava, tinha

que disfarçar a irrefreável vontade de ficar olhando o tempo todo para os pés. E os achava lindos! Os sapatos e os pés, claro. Não costumava achar quase nada bonito em mim. Mas os meus pezinhos 34, de sapatos novos, ah, isso era a glória!

Mais tarde, aos dezenove anos, quando conquisei o meu contrato de professora no Colégio Estadual “Manoel Ribas”, fui, aos poucos, adquirindo sapatos e sandálias de todas as cores, para combinar com as roupas de dar aula. E aí já eram todos de salto alto, porque, com o meu tamanho (1,53m), não admitia me apresentar diante dos alunos sem um mínimo de elegância. E, então, é claro, passei a frequentar muito as Casas Eny. Embora não seja uma esbanjadeira, é certo que tive mais calçados do que de fato precisava. Mas eu me justificava: uma professora tem que se apresentar bem para seus alunos, e um sapatinho elegante, combinando com a roupa, compõe uma aparência mais agradável aos olhos deles. (Ressalve-se que eu era solteira, morava com meus pais, e o salário do magistério era menos miserável do que o é hoje.)

Pois, nessa mesma época, talvez como manifestação inconsciente de sentimento de culpa pelo exagero dos pares de sapatos, comecei a ter pesadelos. Frequentemente, eu acordava meio chorando, desesperada por ter saído à rua e, no meio do caminho, dar-me conta de que estava de pés descalços. Às vezes só me apercebia disso em plena sala de aula. E aí a sensação era como se estivesse nua. Na aula, sem sapatos! Que horror!

Certa vez, andei pela Casa Eny procurando um sapato, para me apresentar numa festa em que eu es-

tava convidada para declamar. E o sapato pelo qual me apaixonei era muito caro! Então, o vendedor me expôs mais uma dezena de outros pares, todos mais ou menos bonitos, mas nenhum tão lindo como o objeto da minha paixão. Agradei e deixei um certo par reservado até o dia seguinte. Em casa, pensava naquele belíssimo sapato e no absurdo que seria pagar tão caro por ele. Então decidi: amanhã vou lá e compro o que deixei reservado. Ele também é bonitinho, e ninguém vai olhar muito para os meus pés.

Então, naquela noite, mais um pesadelo aterrorizante: eu estava na festa e, quando fui chamada para me apresentar – ó tragédia! –, estava sem sapatos! Minha mãe precisou me sacudir para que eu despertasse num pranto que não queria cessar.

É claro que, na manhã seguinte, corri para a Casa Eny e dei mil graças a Deus que o meu sapato deslumbrante ainda estava lá. Que se lixasse o meu senso de economia! Eu ia comprar, sim, os sapatos mais bonitos que já vira até então!

Não sei se alguém prestou atenção neles enquanto eu dizia versos na festa, mas eu me sentia resplandescente! Como se calçasse os sapatinhos de cristal da Gata Borracheira!

Água no pé esquerdo

Sione Gomes

CALÇA N.º 36

Mal abriu a porta, ouviu a risada alegre de seu filhote. Vinha lá de dentro, do quarto dele, com certeza. Instantaneamente, imaginou a cena, já antecipando a bronca institucional que lhe caberia na vigilância contra resfriados. Conhecia bem o seu time. Entre os brincquedos espalhados, aqueles pezinhos rechonchudos deviam estar indo e vindo descalços. E lá longe, esquecidas num canto, estariam as pantufas com cara de sapo. Por mais simpáticas, coloridas e quentinhas que fossem, volta e meia ficavam à parte das brincadeiras.

Procurou não fazer barulho para não denunciar sua chegada e correr o risco de interromper o momento. Manteria o suspense até desfrutar do prazer de surpreendê-lo, até recolher o sorriso que se estamparia no rostinho amado ao vê-la.

Sem sair do lugar, olhou pela sala e espichou o olhar em direção à cozinha. Ao que tudo indicava, nenhuma outra atividade em curso. Ninguém à vista. Ninguém, naquele lar, resistia a ser plateia do astro principal. Todos eram cativos da alegria infantil.

Ali mesmo, ainda parada na porta, tirou o par de scarpins que havia escolhido para completar o vi-

sual. Aliás, belos coringas, que caem bem com quase todos os tipos de roupa e a acompanham do trabalho à festa sem dificuldade. Apesar do sucesso que haviam feito – sabia que devia creditar aos sapatos cada um dos elogios, os comentários sobre como estava elegante -, agora não precisava mais deles.

Sem fazer ruído, tirou um... tirou o outro. Descia do salto por uma boa causa: o fatídico toc-toc que seguira seus passos durante o dia inteiro frustraria suas intenções momentâneas. Não queria perder a chance de ver a cara de surpresa mais linda do mundo.

Pé por pé, largou a bolsa sobre o sofá. Pé por pé, foi se aproximando do pequeno corredor que leva aos quartos. Pé por pé...

- Mamãeeeeee!!!! – gritou o pequeno, rindo e saltando a sua frente, já com os bracinhos estendidos para o alto.

Concentrada em fazer silêncio para surpreendê-lo, sequer percebeu que as risadas também haviam silenciado segundos após sua entrada na casa. Esperto, ele é que a tinha pego de surpresa. Agora estavam os dois às gargalhadas no corredor. Mãe e filho, descalços, entregavam-se ao prazer de se reencontrarem no final do dia.

Como já era previsto, as pantufinhas verdes, de olhos saltados, observavam de longe, largadas lá num canto do quarto. As enormes bocas de sapo parecia rir da situação. Desta vez, elas não estavam sozinhas. Lá na sala, inusitadamente, os scarpins preferidos, sempre tão mimados e bem guardados por sua dona, esperavam, sem pressa, pelo momento em que fossem resgatados e devidamente acomodados em sua caixa na prateleira.

Meu sapato de 12 pilas

Jair Alan

CALÇA N.º 38

Meu pai era um militar linha dura. Machão, não obstante ter sido registrado com um nome de mulher: Matilde. Meu avô, o velho Rômulo, era um fanático religioso. Tanto que nas primeiras décadas do século 20, deixou barba e cabelo crescerem para se igualar a Jesus Cristo. Em festas da igreja, dava polpudas contribuições e até vacas para serem abatidas e serem transformadas em suculentos churrascos vendidos aos fiéis. Lucros integrais para a igreja.

Meu velho nasceu no dia 14 de março e meu avô não teve dúvida: era dia de Santa Matilde. “Este será o nome do piá”. Minha avó protestou e nunca mais deixou o marido registrar os filhos. Pouca gente ousava chamar meu pai pelo nome. Preferiam o sobrenome. Sofri muita chacota por causa do nome do pai. Eu e meus irmãos várias vezes fomos responsabilizados por algum olho roxo de algum atrevido que tivesse ousado abusar da brincadeira com o nome do meu velho.

Pior que o machismo exacerbado era o pão-durismo do velho. Piadas corriam no bairro que ele não comia ovo para não ter jogar a casca fora: era uma

fonte de cálcio. O sovina insistia sempre em nos comprar tudo. Mantinha este controle com muita eficiência. Por ser o filho mais novo, raramente via uma roupa nova. Herdava as que não serviam mais aos meus irmãos mais velhos e até da minha irmã! Era humilhante. Às vezes ganhava alguma peça nova como presente de aniversário ou de Natal. Era mais por necessidade do que por merecimento.

Tal como o Tio Pastinhas, o pão-duro gostava de duas palavras: barato e liquidação. Aprendeu vários ofícios como método de economizar em casa. Por exemplo, consertar sapatos. Mestre Ferrador do exército sabia lidar com ferro. Fez os aparelhos necessários, comprava couro, taxa e cola e arrumava os sapatos da família. Não ficava um resultado que agradasse. Ele não tinha o capricho dos profissionais da área. Mesmo com vergonha, tínhamos que usar os sapatos até o dia que não tivessem reparos mesmo.

Em Santa Maria havia a Casa da Bota. Uma loja que fabricava calçados. Meu pai costumava fazer encomendas na casa. Um dia ele apareceu com dois pares de sapatos, um para mim e outro para meu irmão. O velho se vangloriava de ter pago apenas um pila (um cruzeiro) em cada par. E daí? Eram os sapatos mais horríveis que já vi na minha vida. Mais duros que tamanco, não eram nada flexíveis. Além de feios foi o par mais desconfortável de toda a minha vida. Meus pés ficaram puros calos. Quando caminhava era impossível não fazer barulho. Na escola as professoras reclamavam. Eu cursava o primário no Grupo Escolar Gomes Carneiro e os pisos eram de madeira. Ao

caminhar, o barulho retumbava. Eu até fazia de propósito para fazer graça.

Para compensar a feiúra eu lustrava constantemente os sapatos até na esperança que o couro amolecesse. Não adiantava. O jeito foi jogar futebol para que se consumissem logo. Eram ideais para chutar de bico. Até que um dia o couro rasgou e o sapato foi para o lixo.

Algum tempo depois a Casa da Bota fechou. Que notícia boa. Passamos a ganhar pisantes comprados nas Casas Eny. Só que o velho consultava antes e nos dava o dinheiro certo para comprar determinado produto que ele havia visto na loja. Geralmente os mais baratos.

Um dia ele me deu 8 pilas para comprar um par de sapato “muito bonitinhos”, conforme tentava me convencer. Eu já havia visto outro e me apaixonado. Só que custava 12 pilas. O pão-duro não quis ceder. Eu justificava que os sapatos que ele me escolhia não eram apropriados para os meus pés devido à altura dos meus calcanhares. Certamente me causariam calos e feridas nos pés. O mão-de-vaca não aceitou meus argumentos.

Ora eu tinha um padrinho que me era meu grande amigo. Era o tio Almiro que chamávamos carinhosamente de tio Miro. Ouviu meus argumentos e me deu mais 4 pilas para comprar o produto que eu havia gostado. Lá me fui pras Casas Eny e voltei com meu sapato de 12 pilas. Na cozinha, orgulhoso mostrei para minha mãe: mocassim, que conforto, parece uma luva nos pés! Foi quando o Matilde chegou e se surpreendeu com a minha escolha. “Mas não foi este o sapato que eu vi na loja”.

Respondi que o tio Miro havia complementado para que eu comprasse o que me agradava.

“Tu pediu dinheiro pro teu tio?”.

“Não, ele me deu por que quis”.

“Eu te falei que pra comprar o de 8 pilas. Tu vai na loja e vai devolver e comprar o que eu te mandei”.

Eu não conseguia compreender a grossura do meu velho. Contra-arguntei, com apoio da minha mãe, mas ele não admitia ser desrespeitado em sua autoridade. Ele alterou a voz e me mandou imediatamente trocar os calçados. E pela primeira vez naquela casa um filho se revoltou contra a autoridade até então incontestada do machão. Não sei de onde tirei coragem, pois as perspectivas mais prováveis era que eu levaria uma boa surra.

“Se quiser vá e destroca o senhor. Eu não vou.”

O velho parecia não acreditar no que havia ouvido. Arregalou os olhos, franziu as sobrancelhas, me apontou um dedo ameaçador e berrou:

“Então tu vai andar descalço, seu desaforado”.

Levei outros xingões e ameaças de tapas, mas a humilhação não me deixava raciocinar. Andaria mesmo descalço, mas não cederia no meu orgulho. Foi quando tio Miro intercedeu e chamou meu pai com insistência para uma conversa particular no nosso galpão. Não sei o que conversaram, mas transparecia que tio Miro estava indignado e xingava meu pai. Uma meia hora depois, meu pai me chamou no galpão e me disse que o tio o havia convencido de permitir que eu ficasse com os sapatos.

Que felicidade. Agradei ao meu tio e pude passear com meus sapatos de 12 pilas. Quanta honra,

quanta autoridade, quanto poder tinha um pisante. Queria que todos elogiassem, sentissem inveja e me perguntassem o preço. Nenhuma reação. Chegava a disfarçar: “Acho que pisei num chiclete”, só para chamar a atenção pros pés. E ninguém perguntava nada, pô. Que decepção. Que falta de curiosidade dos meus amigos!!! Só então percebi que sapato de 12 pilas era uma coisa comum. A maioria tinha.

O episódio só serviu para confrontar meu pai. Das outras vezes tive coragem de expor meus anseios. Então ele passou a responsabilidade para a minha mãe. Tudo melhorou e pude até comprar nas Casas Eny o sapato que era símbolo de status: um Vulcabrás! Presente de aniversário, é claro.

Um filho e um par de botinas

Vitor Biasoli

CALÇA N.º 38

Abelardo é um pacato professor universitário, contando o tempo para a aposentadoria. No último dia 30 de maio, acordou com a firme convicção de que se tornaria o proprietário de um sítio na Serra Gaúcha. Preparou um café e olhou as fotos que tirara de uma propriedade rural e se decidiu pela compra. Descobriu o lugar durante um passeio de carro na Serra, procurando uma capela dedicada à Nossa Senhora da Conceição.

Não encontrou a capela, mas viu uma placa indicando a venda de um sítio. Atravessou o portão da propriedade, conversou com o proprietário, visitou a casa, o galpão e o pomar. Ao pegar uma bergamota no galho, sentiu que fora Nossa Senhora que o levara até ali.

Agora, aos sessenta e poucos anos, tinha dessas coisas: virara religioso como fora na juventude. Então olhou para os pés e percebeu que seu calçado era inadequado para um homem que iria se tornar um pequeno proprietário rural. Tinha que encaminhar algumas mudanças na vida.

Foi isto que pensou naquele 30 de maio, bebendo café na cozinha: os novos rumos da sua vida... Com a chegada da aposentadoria, precisava fazer alguma coisa. Já tentara uma amante mais jovem, mas não tivera paciência. Sondara as possibilidades de um cargo na política e também desistira. Tudo muito complicado. Agora iria cuidar de um pomar, criar galinhas e ler romances policiais com o calor de uma lareira. Era isto.

Telefonou para o filho advogado e perguntou que botinas eram aquelas que ele usava para as caminhadas. “Kildare, pai”, disse o guri – e ele ouviu que o filho batia as teclas do computador do escritório. “Onde compraste?”, quis saber. “No Shopping das Dores, numa loja que tem a direita de quem entra.” “Tu vais lá comigo?” “Hã hã”, disse o guri, “nós almoçamos no shopping e compramos as botinas.” “Tá bom”, Abelardo falou, “eu passo no teu escritório antes do meio-dia.”

Depois, dirigiu-se ao Banco do Brasil e informou-se com o gerente a respeito do financiamento. Seria uma decisão e tanto. Mas as condições de financiamento e os compromissos que o amarrariam pro resto da vida foram um banho de água fria no seu entusiasmo.

“E que tal os sapatos, pai?”, perguntou o filho, horas depois. “Ótimos, vou levar”, disse Abelardo. Durante o almoço, o filho tinha lhe contado a respeito das trilhas que fazia na Serra Gaúcha. “Dez quilômetros, pequenas dificuldades e a gente sai remoçado”, ele explicara. Abelardo perguntou se o filho achava que ele aguentaria a aventura e o rapaz respondeu que sim: “Sábado nós vamos de micro-

ônibus para o Vale Vêneto e de lá nos embrenhamos no mato. Que tu achas?”, o filho propôs. “Vou encarar”.

No dia seguinte, quando soube da mudança de planos, a mulher de Abelardo respirou aliviada. O marido andava de botinas pelo apartamento, para amaciar o calçado, e contava sobre a caminhada que combinara com o filho. Continuará não tendo pomar nem galinhas nem lareira. Leria romances policiais na sala do apartamento, com o ar condicionado ligado, se estivesse frio. Foi até o escritório arrumar a imagem de Nossa Senhora da Conceição que ganhara da mulher e falou: “Ela vai entender. Vou continuar colhendo uma ou outra bergamota, mas das terras do vizinho. Talvez tenha sido isto que Ela me disse: colhe as frutas que estiverem a mão. Apenas isso.”

Abelardo olhou para os próprios pés e viu que não estava mais calçado como um homem da cidade. Se caprichasse na ginástica, perderia a barriga e se pareceria a um hippie dos anos 60. Afinal, as botinas ele tinha, as fantasias naturebas também e até uma religiosidade pouco ortodoxa. Além de um filho para orientá-lo quanto ao que colocar nos pés e como vivenciar as paisagens da Serra. Já era muita coisa na vida.

De volta ao presente

Antonio Candido de A. Ribeiro

CALÇA N.º 39

Dia desses, fim de tarde escaldante, dirigia-me, vagaroso e pensativo, para uma difícil missão (encarar o dentista), quando me deparei com uma placa suspensa, que anunciava com discreta solenidade: “Sapataria do Futuro”. Foi o suficiente para que me visse assaltado por dúvidas com a extensão de um longo quarteirão: tratar-se-ia, tal sapataria, de um estabelecimento preparado para os gloriosos dias do mundo novo que anunciam ciência e ficção-científica? Se assim for, pensei na ocasião, ali, em breve tempo, substituir-se-ão os chips dos sapatos do amanhã, ali serão recarregadas suas baterias de lítio e ajustados os seus spoilers, pois, no futuro, os sapatos ou alguma coisa parecida com eles – feitos provavelmente de leve e resistente titânio –, nos conduzirão sobre jatos de ar, a vinte ou trinta centímetros do solo. Isso, se não quisermos utilizar as perfeitas calçadas deslizantes, comuns nas grandes e médias cidades. Calçadas esburacadas, com lajotas soltas e lixo espalhado sobre elas, só em pequenos e esquecidos burgos interioranos

das regiões mais pobres e atrasadas do planeta. Satisfeito com minha própria perspicácia, concluí que a razão do nome da sapataria é, sim, esta: o sapateiro é um avatar, um precursor vindo do amanhã, um homem adiante do seu (nosso) tempo.

E já começava a mudar a direção dos pensamentos, quando nova dúvida se plantou, imensa e quase sólida, diante de mim, por pouco não me impedindo de pular um buraco da calçada: e se Futuro for simplesmente o nome do proprietário da sapataria? Um nome como José Futuro da Silva, Futuro Antônio de Carvalho? E, se não um composto com esses nomes antigos e opacos, um nome moderno e reluzente, tipo Maiquel, Railander? Que tal Maiquel Railander Futuro? Mas, não foi uma boa cogitação, pois, outros questionamentos afloraram. Em sendo assim, se Futuro é o nome do sapateiro, quantas situações embaraçosas já terá ele vivido? Ao fazer um cadastramento bancário ou comercial, por exemplo, perguntado sobre o nome, ele, sério e compenetrado:

- Futuro Antônio de Carvalho.
- E no presente?
- Como no presente?
- Sim, no futuro, será Antônio de Carvalho! E hoje, no presente, qual é o seu nome?

Ou, então, na hipótese de o sapateiro ter um auxiliar, que ao atender um conhecido do chefe, que ele, auxiliar, não conhecia:

- Pois não, em que lhe posso ser útil?
- E o Futuro?

- O futuro? Ah, amigo, o futuro a Deus pertence!
- Coitado! O que aconteceu com ele? Não soube de nada... Estava doente?

Bueno, naquele dia, depois das minhas candentes elucubrações, as quais consumiram um longo quarteirão, eu achei melhor esquecer a sapataria, seu nome e seu proprietário. Em outra oportunidade, pensei, passo por lá em horário comercial e, se estiver aberta a oficina, tiro minhas dúvidas. No exato momento em me dispus a sepultar as inquietações que me corroíam a alma perdulária, ao me desviar de um saco de lixo, arduamente disputado por dois guaipecas vadios, pensei ter ouvido, com nitidez que me pôs com os cabelos arrepiados, uma voz angelical dizer-me: “Cara, não faças isso! Se a sapataria estiver aberta, que atravesses a rua, que mudes de calçada! Não te ocorreu que a sapataria pode ser um Portal do Tempo disfarçado, uma camuflada porta de entrada para outra dimensão, à espera de incautos, como tu?”

Incauto, eu? Por quê? Por que ando distraído por passeios públicos esburacados e sujos do centro da cidade? Ou por que me deixo levar, como navegante à deriva, entre mares de sacos de lixo mal-arrumados e malcheirosos, evadindo-me da realidade em cogitações estapafúrdias, só pelo estranhamento causado pela placa de uma prosaica oficina de conserto (amiga vestibulanda, concerto, com “c”, significa... deixa pra lá...) de sapatos?

Não sei se estava certo meu improvável anjo da guarda, mas, o melhor mesmo, dadas as circunstâncias, era esquecer a singular sapataria e me concentrar na

realidade presente. Realidade que, naquele momento, se fazia de uma calçada malcuidada, suja, esburacada, e da perspectiva, nada agradável e cada vez mais próxima, de um tratamento de canal. É, limpas calçadas deslizantes e dentes indestrutíveis ou regenerativos são coisas do futuro. Urge, portanto, que cuidemos dos que dispomos hoje (dentes e calçadas), pois o amanhã pode não passar de uma longa e improficua espera.

Psicodélico e subversivo

Humberto Gabbi Zanatta

CALÇA N.º 39

Toda vez que perambulo - seja lá por que razão - pelas imediações do edifício Mauá, sempre me (as)saltam, à cacunda da memória, lembranças ligadas ao auge - ao menos para mim - da loja das Casas Eny que ali, no térreo, existiu por longos (e lucrativos) anos.

Claro que antes de pensar em sapatos, já que costume ter os olhos e o pensamento nas alturas, a primeira lembrança que me acorre é do gigantesco luminoso que havia no alto do edifício.

Nas grimpas do Mauá, tão logo a noite, a seu modo e obedecendo aos ditames da estação e vinda diretamente dos morros verdejantes se estendia sobre a cidade, um belo espetáculo iniciava. Para nossa embasbacada admiração, através de malabarismos tecnológicos da época - anterior aos efeitos especiais corriqueiros de hoje -, formavam-se concatenadamente imagens que simulavam criativos movimentos de uma garrafa que enchia um copo sob um jogo exuberante de luzes e de cores. E então, sedentos e admirados, podíamos ver iluminado o gigantesco recipiente que formava a diminuta garrafa da verda-

deira Cyrillinha. O refrigerante santa-mariense mais amado e sorvido do Brasil, à época.

Mas, deixando a Cyrillinha borbulhando seu sabor inigualável e seus encantos inesquecíveis, também aterrissam no meu memória-porto, lembranças outras que me impedem de botar os pés pelas mãos. Antes, pés ao contrário! Dão-me guarida para corresponder Ao Pé da Letra, evitando de agrupar ideias sem pé nem cabeça. Impelem-me, isto sim, a tomar pé da situação para, em pé de igualdade, seguir as pegadas dos demais. E, certamente não tão pé-frios quanto os meus. Ainda mais, no rigoroso frio deste inverno desalmado que, dá a entender, só pensa no pé-de-meia dos lojistas que não arredam pé de seus negócios e batem pé diante das adversidades para nunca perderam o pé de apoio nos imprevisíveis pés-de-vento do mercado global.

Pois, sem perder o pé da conversa, toda vez que me defronto com o visual da Rio Branco, ainda mais nesses meados de 2011, em que, graças à sensibilidade do atual alcaide municipal, Cezar, o Augusto - aliás, diga-se de passagem, morador na sua “infância querida que os anos não trazem mais”, nas imediações -, a histórica aleia está recebendo ampla e necessária revitalização, eu sinto que estou com um pé lá, outro cá.

Por esta razão, das grimpas do Mauá com a gorgolhante Cyrillinha, desço ao solado e à realidade dos meus sapatos. Melhor dizendo, à cor dos meus sapatos...

Era o ano da minha formatura na Faculdade de Direito de Santa Maria. A pioneira FADISMA, dos Irmãos Maristas e da Sociedade Meridional de

Educação – SOME - que apesar da sigla, ainda não sumiu; continua firme e maristicamente atuante até hoje.

Os tempos, além da Cyrillinha e da Eny,- também eram de Paz e Amor (ainda não havia sido inventado o Lulinha), de jovens tardes de domingos, de reuniões dançantes e diretórios acadêmicos por Faculdades - o termo Cursos, recém estava sendo importado pela Reforma Universitária dos militares no acordo MEC/USAID. E havia censura e tortura. A gente nem sabia que era vigiado - aliás, como hoje, onde as escutas telefônicas, principalmente de celulares, com autorização ou não da Justiça, atingem tanto o trigo quanto o joio. E fazem a alegria de previdentes ou de pressunçosos operadores de diferentes esferas institucionais sejam da Polícia, do Judiciário, do Ministério Público ou de outros arapongas menos nobres... Pois naqueles tempos embruscados, de nuvens plúmbeas e escasso céu azul, onde quem não andasse na linha o trem do arbítrio pegava, poucos faziam de tudo pra não perder pé da situação, estando na oposição, evidentemente.

Modestamente, como tantos outros, era o meu caso. E naquele ano de 1973, do psicodelismo dos Secos & Molhados e de Pink Floyd na música; de Toda a Nudez Será Castigada, Amarcord e Gritos e Sussurros no cinema; do golpe contra Allende no Chile; do Pasquim e de O Piripiri (do Augusto Sotero) no jornalismo; da calça boca-de sino e da recém iniciada era vitoriosa do Inter e do Beira-Rio. E, também, dos títulos de campeão gaúcho empilhados numa série ininterrupta de oito - só para não esquecer . Pois foi

nessa quadra enferruscada, quando se com/firmava a globalização brasileira – aqui tudo a ver com a Rede Globo-, tive o par de sapatos que me (e)levaram por caminhos dantes nunca andados.

Ao adquirir aquele par de sapatos para uso diário às aulas da Faculdade - que o balconista, bem treinado e com uma lábia que me deixou lhe devendo obrigação, dizia ficar perfeito nos meus pés de aluno do Irmão Gelásio, pois eram nobres e macios - não imaginei pudessem me dar, apesar de usá-los nos pés, tanta dor de cabeça. Sua cor acinzentada, puxando para um azul gremista derrotado não me deu sorte. Na primeira semana de uso, lépido e faceiro, além do batismo tradicional com pisadas e olhares de admiração, fui obrigado a lhe alterar a cor original. Por obra e (des)graça de arte engendrada pelo colega de trabalho no Pão dos Pobres, professor Roque Victor - só anos mais tarde vim a confirmar -, enquanto jogava um futebol recreativo com alunos, ele e o Laci da Costa Rodrigues, mestre da serralheria, pintaram meus sapatos com uma cor prateada cintilante de boate de beira de estrada capaz de ofuscar até vaga-lume cego.

Não tive alternativa, muito menos dinheiro para repor sua cor original, discretamente civilizada. E tive que enfrentar o último semestre da Faculdade com aqueles sapatos prateados cintilantes, cor de asas de cigarras no final do verão. Nem preciso contar a gozação dos colegas mais chegados e amigos, que suporrei com um pé atrás; o nariz torcido dos que achavam aqueles sapatos indignos para um estudante universitário dos anos 1970; o olhar de troça e desdém de alguns pequenos burgueses com seus sapatos de

verniz e cadarços que diziam ser coisa de subversivo; a gozação e piadinhas, politicamente incorretas, que ouvia ao passar na Primeira Quadra. Não fui poupado nem por professores. Desconfio até que alguns me deixaram em segunda época - naquele tempo havia esse martírio - só por causa da cor dos meus sapatos prateados coruscantes

Sei que pegaram no meu pé durante todo o último semestre da Faculdade. E eu quase quis dar no pé, botar o pé no estribo e me mandar. Por pouco não boto os pés pelas mãos à antevéspera da formatura. Quem me salvou e me fez chegar com o pé direito e garboso aos píncaros da glória, aliás, da Colação de Grau, foi o colega Luiz Carlos Calacchi Moraes, agora já de saudosa memória, que com sua solidariedade de amigo, sensibilidade e engenho de artesão renovou meu par de sapatos, outrora prata, dando-lhe uma patriótica e ufanista cor verde pême brigadiana da esperança.

Passados mais de trinta anos, se por ventura alguém duvidar da veracidade dos infortúnios que me espezinham, estão aí os colegas/contemporâneos, Candinho, Eno Biasi, Maninho, Severino Neto, Nelson Doeler que podem testemunhar sobre o epis(h)ódio. E, a exemplo de antiquíssima canção folclórica italiana, devo dizer: “velhos sapatos, quanto tempo é passado, quanta ilusão fazem-me reviver”.

E continuamos em pé! O edifício Mauá, renovado em suas cores. As Casas Eny, modernizadas, sentaram pé em diferentes lugares vendendo mais que algodão doce na frente das escolas. E eu? Menos mal! Mas ainda continuo pagando pedágio às Casas Eny para poder usar seus sapatos.

Trocando sapatos...

Máximo José Trevisan

CALÇA N.º 39

JEra uma manhã de inverno na Boca do Monte. Recém casado e jovem professor, costumava dar aula cedinho, na UFSM. Para não acordar a amada, levantava da cama sem acender a luz no quarto. Eu sabia o lugar de cada coisa, das roupas aos sapatos. Naquele dia, aprontei-me e parti para a Universidade, rumo ao prédio que ficava na Floriano Peixoto, ex-Reitoria, na frente do Colégio Santa Maria, onde, à época, eu era professor de Recursos Humanos do Curso de Administração. Foi, então, que aconteceu o inesperado: sapato preto no pé esquerdo, sapato marrom no pé direito, um de cada tipo, assim iniciei a aula sem me dar conta de nada, até deixar cair o giz e olhar para baixo e perceber a situação. Disfarcei o que pude, sentei à mesa onde estava a minha pasta com livros e, como um velho mestre, não mais levantei da cadeira. Alguns alunos me olharam um pouco desconfiados, sem entender o novo jeito de agir. Era meu costume ficar em pé e perto dos alunos. No final da aula, vieram conversar comigo, e eu nem aí, continuei sentado, atendendo a todos. Quando a sala

ficou vazia e ninguém mais me olhava, levantei e me mandei pra casa, no Bairro Dores, para consertar o mal feito, trocando os sapatos.

Ao lembrar hoje o caso e o desconforto diante da situação, comecei a rir de mim mesmo. Acho que agora tudo teria acontecido um pouco diferente. Mostraria os sapatos que estava usando, um de cada cor. Tentaria revelar charme e uma certa excentricidade, assim como certas meninas andam de jeans cheios de remendos... E se o acontecido ocorresse em outra cidade, aí é que seria mesmo diferente. A troca não teria a força de quebrar a minha autoestima, nem de me fazer crer que estava pagando mico. Afinal, crédito é crédito: ser habitante da Cidade do Sapato, a Cidade das Casas Eny, certamente me daria motivos mais do que suficientes para andar com um sapato de cada tipo em cada pé. De repente, até seguidores poderia ter...

Mas, na minha vida, calçando acontecimentos, aconteceu outro fato curioso, que permanece ainda hoje na minha memória. Véspera do aniversário do meu pai, resolvi dar-lhe um presente mais expressivo, um par de sapatos de couro especial, alemão, um lindo exemplar da espécie. Se fosse um cavalo de corrida, não teria dificuldade em identificá-lo como bom parceiro. Que belo bicho, meu Deus do Céu! Comprei o dito sapato nas Casas Eny (lá só vendiam à vista, naquele tempo). Meu pai, avançado em anos, costumava ficar sentado por muito tempo, tomando chimarrão, na sala do fundo, no sobrado onde morava, na hoje Avenida Dores, frente ao Royal Shopping. Percebi que, ao receber o presente, ele mostrou

surpresa. Meu filho abriu a mão, deve ter pensado seu João, num tempo em que era tudo bem contado e curto, e eu era apenas um jovem e iniciante advogado. Pra não dizer outra coisa, diante do seu olhar, falei que ele poderia trocar o presente. Se assim o desejasse, tinha a nota fiscal. Mas, falei só por falar!

Dias depois, ao visitar o aniversariante, vi que ele usava uma pantufa, toda fofinha por dentro, uma maravilha! O velho pai não deixara por menos. Como autêntico gringo, homem simples, descendente de italiano, trocara “o meu sapato de couro alemão”, uma verdadeira Ferrari, se fosse um carro, por três outros carros populares, lá na Eny. Terminei entendendo uma coisa importante: os três sapatos eram do gosto dele, enquanto eu buscara o melhor, o luxo, o diferente, um presente-sedução. A Eny tinha os dois. Cabia a mim entender o que e a quem dava, sabendo que o amor e o carinho eram os mesmos, presentes no presente! Tenho que dizer que, passados alguns meses, não resisti à tentação e acabei me presenteando com um sapato semelhante àquele que dera ao meu pai. A vaidade e o bom gosto foram meus mestres na escolha!

A bela do sapato

Athos Ronaldo Miralha da Cunha

CALÇA N.º 40

JEra meio de mês e pouco movimento no penhor. Nesses anos todos de banca nas avaliações de joias, observei algumas coincidências. Uma delas é com a senha de chamada para atendimento. Ao chamar os números 24 ou 69 podia ter certeza, a história rendia. Mesmo que o dia fosse calmo como água de poço.

Naquela semana eu repassava as rotinas do penhor para uma colega. Michelli, recém-formada no curso de avaliadora, fazia o estágio comigo. Eu, o ilustre orientador na agência.

Então, uma divindade saiu do elevador e o penhor e a habitação – que estão no mesmo andar – pararam. Literalmente o tempo parou. Foi uma espécie de toque de recolher. Todos os olhos se voltaram para a moça. Eu não via mais nada, apenas, um par de longas e esbeltas pernas bronzeadas se aproximando do guichê. Ela não caminhava, desfilava pelo recinto. Usava uma miniblusa amarela e uma minúscula saia vermelha. Tinha um longo cabelo preto com uma tiara também amarela. Uma versão nada convencional do socialismo soviético. No caso, era ela que derrubava

os muros de nossa imaginação. Uma locomotiva rumo à estação Finlândia.

O cabelo liso, como uma cascata negra, jorrava pelas costas até a cintura. Meia dúzia de pulseirinhas douradas e brincos em forma de coração. Usava um sapato preto exageradamente alto e uma bolsa também vermelha. Isso tudo foi observado pela Michelli – sentada ao meu lado –, eu só tinha olhos para as suas bem torneadas pernas.

– Tenho que pegar a senha? – perguntou com uma voz macia e, delicadamente, apontando com o indicador para a maquina, observando que não havia ninguém no recinto.

– Não precisa – falou Michelli.

– Precisa – falei, prevendo qual seria o número da senha.

É claro que ela pegou a senha 69 e a história recém estava começando.

Antes de dizer um *oi*, *boa tarde* ou qualquer expressão que identificasse que aquele monumento sorria e queria fazer penhor, tocou o celular.

– Não! Não é esse o número, foi engano.

Não sei o que o interlocutor da beldade falou do outro lado, mas foi um recital de: *muito delicado de sua parte. Muito gentil. Ahan. Legal. Pode sim. Tudo bem. Bah!* O bah ela falou quatro vezes. E um amontoado de palavras gentis. E a conversa dos dois desconhecidos se prolongou por mais de dez minutos. Enfim, desligou o celular e comentou.

– Vá que seja fazendeiro...

Com a maior sem-cerimônia, a moçoila colocou a perna em cima do guichê, com aquele baita sapato

preto com uma enorme fivela dourada que, como os brincos, tinha o formato de coração. Não esqueçamos que ela estava de minissaia e o penhor em estado de graça, todos os avaliadores, vigilantes, serventes e colegas que, simplesmente, apareceram pretextando a entrega de algum documento.

– Quero penhorar esse sapato porque a fivela é de ouro – falou e tom meloso.

– Não existe sapato com fivela de ouro – respondi de pronto.

– Mas o moço da Casa Eny disse que era folheado a ouro 18 quilates, logo, é de ouro. Então quero avaliar.

– Mas...

– Quero testar – falou a estagiária.

Estava ávida por pingar uma gotinha de ácido na fivela do sapato da moça. Não sei se para testar seus conhecimentos ou por vingança. Mas o fato é que testamos a fivela.

– Então vamos ver se realmente é ouro. A senhora...

– Senhorita.

– ...Senhorita pode tirar o sapato.

O movimento que ela fez para tirar o pé de cima do guichê foi algo próximo da suprema corte do paraíso. O terceiro andar da agência era um silêncio só. Ninguém renovava. Ninguém avaliava. Ninguém resgatava. Ninguém pedia extrato. Ninguém pagava prestação habitacional. E todos suspiravam com os olhos nas fivelas do sapato da moça. Por alguns momentos teve dificuldade para desfivelar o sapato. Quando me prontifiquei para ajudar, ela falou a palavra

que foi um balde de água fria em minha ansiedade e taquicardia.

– Consegui!!!

Incrivelmente o sapato tinha um aroma de erva doce. Michelli fez o teste e concluiu o que todo o universo, os funcionários das Casas Eny e os mais de mil avaliadores do Brasil concluiriam.

– Não é ouro!

– Cobre 18 – brinquei.

A moça fez um beicinho que eu achei a coisa mais lindinha do mundo. Devolvemos o sapato, mas sem antes perguntar de onde era aquele aroma de erva doce. Ela respondeu que havia passado alcoolgel nos pés. Tinha visto a entrevista do ministro da saúde recomendar o uso do álcool nas mãos, mas por segurança, passava também nos pés. E eu fiquei imaginando o porquê.

– Tchau, doutorzinha – falou para Michelli e saiu sem dar mínima bola para mim.

Encerrou o desfile na porta do elevador e o penhor voltou a sua normalidade. Então percebi que um gaúcho todo paramentado com estribos e arreios de prata aguardava atendimento. E a senha não era 24 nem 69. Mas a estampa do vivente não deixava dúvidas. Afinal, era aquela pasmaceira de meio de mês.

Cada um com seus calos

Diomar Konrad

CALÇA N.º 40

JEra a primeira sessão. Nunca, antes, ela pensara em fazer análise. Achava que não precisava. Mas a pressão do namorado estava fazendo com que se sentisse contra a parede. Imaginava que as relações pudessem ser mais livres. Pelo menos, foi o que ele falou no início.

- Bom dia, disse o analista.

- Bom dia, ela respondeu. E desandou a falar. – Não sei o que está havendo comigo. Estou me sentindo, assim, meio sufocada por esta relação, tipo sapato apertado, muito desconfortável. Sempre achei que quem amasse deixaria o outro andar livremente, seguir seu próprio caminho, mas parece que tem acontecido justamente o contrário. Meu namorado não larga do meu pé. Parece que estou presa em uma caixa. Além disso, é só quando ele quer, pois quando sai com os amigos ou vai jogar futebol, me sinto abandonada, assim tipo mercadoria da estação passada que está lá no fundo do depósito.

- Tem sido comum esta queixa aqui no consultório....

- Pois é, não sei mais o que fazer. Parece que tem dois carimbos na minha testa: “pago” e “entregue”, como se eu pertencesse a ele e não pudesse fazer mais nada sozinho. E eu acho que ajudei a criar toda esta situação. O que você tem a dizer sobre isto?

- Eu acho que a senhora trabalha nas Casas Eny...

- Como você sabe? Na ficha, coloquei apenas comerciária.

- É que com o tempo, comecei a observar que as pessoas falam de suas relações utilizando palavras do seu cotidiano profissional. Eu tenho uma cliente, por exemplo, que namora um garçom. Então ele justifica as cobranças, sim é isso mesmo, ele fala em cobranças como um dever seu... Como eu ia falando, ele justifica as cobranças, dizendo que tudo que se passa com ela é da conta dele e que ele não vai entregar a mulher de bandeja para o primeiro que passa.

- Nunca tinha pensado nisso...

- Pois é, parece haver certo condicionamento através da maneira como as pessoas trabalham. Tenho outro cliente, que é jogador profissional, que se refere à esposa com expressões do tipo “a fulana, naquela festa, pisou na bola” ou “não posso mais sair sozinho, este casamento está na maior retranca”. Pior é outro, publicitário, que está sempre se vangloriando, dizendo que faz de tudo para agradar a mulher, que vive mandando flores, bombons, cartões para manter a relação. Isto é até muito legal da parte dele, mas chamar de pós-venda é demais.

- Então, parece mais um contrato de trabalho do que uma relação, pois as pessoas se deixam influenciar pela profissão?

- Sim, de certa forma é explicável. As pessoas passam oito horas ou mais se dedicando à empresa. São bons colaboradores, como a senhora. Então, sem se dar por conta, passam a transferir a linguagem da empresa para a família. Aposto que o seu filho tem metas a cumprir na escola...

- É isso mesmo.

- Imagine então, o garçom que lhe falei. Deve, no mínimo, achar que o filho deve servir o professor em todos os seus pedidos. O publicitário deve exigir do seu filho uma boa imagem perante a classe e o professor. E o jogador de futebol nunca irá admitir que o seu rebento não faça gol em todas as provas.

- Parece sério...

- Sim, mas isto é apenas um sintoma. O que vamos fazer aqui dentro é discutir a relação. Tem mais a ver com os sentimentos que a senhora está vivenciando do que com as palavras que usa. Mas mesmo assim, é bom ter cuidado.

Conversamos melhor semana que vem.

- Ok, até lá. Volte sempre. Perdão, é a força do hábito.

O pé frio do pé-frio

Raul Giovanni Cezar Maxwell

CALÇA N.º 40

Pé frio. Acordei assim. No sentido denotativo. Sem aquecer mesmo com o banho quente. Sapatos? Calcei. Calça? Vesti. Vestido? Saí. Ao trabalho. Pé na tábua, embreagem, acelerador, freio. Carro em frente ao local de trabalho. Os pés já não estavam frios. Estavam gelados.

Uma hora depois: burburinho. Bateu, não bateu, chama a polícia, o DMT, o camburão, o escambau. Motivos: um morador de rua, alcoolizado, talvez para aquecer os pés; uma Brasília sem arranque, sem bateria e sem freio; uma pet 600 ml com cachaça; uma outra pet com gasolina; uma rua em contramão; uns carros estacionados riscados, amassados pelo motorista que tentava fazer o seu pegar no tranco.

Pé frio ao dobro. Denotativa e conotativamente. Com ou sem hífen. Pé-frio. Pulei da cama com o pé esquerdo decerto. Fui ver meu carro, pisando em ovos, pisando em Gillette, em brasas não. Lá estava ele entre os abalroados. Pisei em falso, tropecei no cordão e um engraçadinho lascou: Pelo menos foi uma BMW. Antes que ele risse da minha desgraça, corrigi a piada

inoportuna: BMV (Brasília muito velha). O motorista abriu no pé do local deixando os documentos, vencidos há cinco anos. Veio a dupla de brigadianos, coturnos brilhando, pisada firme. Fomos todos à Delegacia lavrar a ocorrência, para acionar o seguro, assegurar-se de que a BMV não retornaria às ruas, etc.

Liberado do trabalho, fui até a DP, acompanhado de outra vítima e dos PMs. O motorista desnortado, não sei por que cargas d'água, lá estava. Fazia discursos, sem pé nem cabeça, censurado periodicamente pelos plantonistas. Fiquei em pé tentando aquecer os pés. Ouvia o discurso do bêbado, pegava no ar algumas frases das outras ocorrências. Briga de vizinhos; discussão de estudantes com ofensa moral; fugitivo capturado pelo BOE, denunciado por populares que o viram a correr, algemado na rua (talvez nem fosse apenas um amante que resolvera satisfazer fantasias da amada, a qual perdera a chave, né?)...

Pés cada vez mais frios e nada do registro. O bêbado já era porteiro da delegacia, recepcionando os que ali chegavam. Eis que adentra a sala um rapaz sério, mas cheio de cacoetes. Ambos se olharam sem falar. O rapaz trazia uma sacola da Eny, com uma caixa. Pegou uma ficha de atendimento, deu uma gargalhada, ficou de quatro pés e levantou-se gritando. Fiquei com os pés a postos para correr caso a coisa piorasse, mas ele virou-se para o escrivão e saiu lascando um discurso a la James Joyce, sem pausas, sem vírgulas, sem ponto e sem nó, mais ou menos assim, não exatamente ao pé da letra:

- "... quero registrar ocorrência contra meus irmãos que estão roubando as minhas roupas já

esvaziaram meus quarenta e oito guarda-roupas me deixando sem nada para vestir estou só com a roupa do corpo e como agora passei lá na loja Eny do Calçadão comprei um calçado novo de uma marca boa pois é da Eny como eu já disse e certamente meus irmãos me roubarão também este tênis, mas eu confio na proteção da polícia e quero que o delegado tome conta desta caixa que vou deixar sob a guarda dele e ...”

O escrivão resmungou que o delegado demoraria a atender e ele, assim como veio, partiu. Pé ante pé, cruzou o olhar com o bêbado motorista porteiro. Fez uma mesura quando esse abriu a porta e saiu abraçando firme a sacola da Eny. Ambos se mirando no olhar, girando nos pés, feito duelistas.

Voltei ao meu mundinho, trazido pelo frio nos pés e pelo chamado do escrivão. Assinada a ocorrência fomos liberados. Abrimos mão de acionar o motorista pela impossibilidade de cobrança pelos danos.

Retornei ao trabalho, pensamento congelado no caso non-sense, surreal, incrível, do rapaz que queria deixar a sacola da Eny sob a guarda do delegado. O fato mais interessante de todos os que presenciei na tarde em que um acidente me levou ao plantão policial. Talvez o frio tenha congelado minha razão e eu tenha inventado tudo. O certo é que ao final do expediente nem fui à oficina orçar o conserto do carro. Fui à Eny comprar um par de pantufas e um de botinas de couro, ambos forrados de lã. Meus pés estarão quentes a partir de agora. Ao menos denotativamente.

A chuteira Club Sul

Gilson Píber

CALÇA N.º 42

Jogar futebol é, invariavelmente, a principal diversão dos garotos que moram na periferia das cidades. Com Luiz, não era diferente. Depois das aulas na escola municipal do bairro, pela parte da manhã, sobrava um tempinho à tarde para bater uma bolinha com os amigos no campo repleto de “barbas de bode” e de estrumes das vacas do Seu Abílio. De segunda a sexta, era a atividade de lazer predileta da meninada. Nem a chuva atrapalhava as partidas.

Raramente, os jovens jogadores atuavam com chuteiras. Isto, sim, prejudicava o desempenho dos atletas, que escorregavam muito em virtude de usar tênis velhos e com solados lisos. O jeito era desviar, nas quedas, dos enormes bolos defecados pelas vaquinhas leiteiras. Nem sempre isso era possível, e os calçados ganhavam uma nova coloração, só modificada bem depois, graças à limpeza com muita água, sabão e escovão no tanque de casa.

Mas, um dia nunca é igual ao outro, já dizia o poeta. Uma terça-feira fria e ensolarada de julho, em 1980, nasceu diferente. O apito do trem, com mais de

50 vagões puxados por três locomotivas da RFFSA, indicava uma surpresa. Sadi, amigo de Luiz, chegou com a novidade durante a “pelada” da tarde. Ele havia acertado um jogo com o time do outro lado da ponte da rua Gonçalves Dias para o sábado seguinte. A partida seria disputada no campo principal da então 3ª Companhia de Comunicações do Exército, a 3ª Cia Com, com redes nas goleiras, marcações completas e até juiz.

O anúncio do embate foi uma festa. O time do lado de cá da ponte da rua Gonçalves Dias conseguiu o fardamento completo emprestado do Areião, camiseta e meia cinza, e calção branco, com a colaboração do Seu Coelho, presidente do clube. Faltavam, porém, as chuteiras. Nem todos possuíam o pisante adequado para a prática esportiva. Luiz estava entre os “sem chuteiras”, e jogar de tênis era inapropriado.

O jeito foi tentar convencer o pai, Seu Wilson, um progenitor econômico, a comprar o equipamento. O diálogo entre Luiz e o pai começou na terça à noite e se arrastou na quarta e na quinta-feira. Somente na sexta-feira à noite, o jovem atleta recebeu o sim de Seu Wilson. No sábado pela manhã, ambos foram até a Eny Esportes, e Luiz ganhou uma chuteira Club Sul preta, número 37, com detalhes em branco e cadarços zebraados. Era vistosa, novinha em folha.

A nova chuteira foi para o jogo na tarde de sábado. Depois de um primeiro tempo sem gols, a partida esquentou na etapa final. Aos cinco minutos, o time do outro lado da ponte da rua Gonçalves Dias fez 1 a 0. O empate veio aos 30 minutos, numa cobrança

de falta, efetuada por Sadi. A vitória do time do lado de cá da ponte da Gonçalves Dias surgiu aos 44 minutos. Num levantamento para a área, a bola sobrou para Luiz, que chutou forte com o pé direito para decretar o placar de 2 a 1. Foi uma alegria geral, com direito a comemoração depois do jogo. A gurizada tomou cyrillinha e comeu pastelina no bar do Seu Roque. Foi um dia inesquecível.

Passados 31 anos, Luiz e Sadi constituíram as suas famílias e viraram compadres. A antiga chuteira Club Sul não existe mais. Novas e modernas marcas ingressaram no mercado esportivo. Porém, quando Luiz passa pelo Calçadão Salvador Isaia e olha a vitrine da Eny Esportes, o coração bate mais forte e a saudosa Club Sul parece estar exposta à espera de um novo desafio. A imaginação é fascinante e ajuda a transformar vidas. “Que tempo bom, que não volta nunca mais”, já cantava Chico da Silva.

As botas do capitão

Marcelo Canellas

CALÇA N.º 42

Lunático, abobado, demente, maluco. Que mais? No começo assustou, com sua boca banguela e sua barba encardida. Os espíritos de porco aterrorizavam as crianças pequenas dizendo que ele era o velho do saco. Mas não havia saco nenhum. O que Capitão trazia a tiracolo era uma mala de couro cru onde punha seus parcos guardados.

- Sou o capitão-de-mar-e-guerra João Rebouças, seu criado.

A primeira vez em que ele se apresentou assim, com medidas e cerimônia, deixou todo mundo desconfiado. Houve quem cogitasse, pelos modos distintos e solenes, que ele poderia mesmo ter sido oficial da Marinha e enlouquecido por alguma razão. Aos que duvidassem de suas credenciais, mostrava uma insígnia de pano bordada em fios dourados: quatro faixas paralelas e um bastão envolvido por duas cobras entrelaçadas, além de uma âncora dentro de um círculo. Um vizinho meu, professor de história do Colégio Maneco, aficionado por táticas militares,

chegou a interrogá-lo por curiosidade. O veredicto foi inapelável:

- Oficial coisa nenhuma. Doido de pedra.

João Rebouças parecia nome de milico, mas como ele não tinha documentos, ninguém acreditou que se chamasse assim de verdade. Então virou Capitão, o louco de estimação do nosso bairro.

- O que você veio fazer tão longe do mar, Capitão? – perguntavam-lhe.

- Estou em missão secreta. – respondia baixinho, como a zelar pelo sigilo que lhe fora requerido pela Marinha do Brasil. As crianças da vizinhança foram, aos poucos, perdendo o medo do velho mendigo e se encantando com os relatos de memoráveis batalhas navais travadas num tempo insondável, como se Capitão tivesse não os 70 anos que aparentava ter, mas uns 300; um matusalém dos 7 mares a combater corsários franceses, piratas ingleses e a derrotar toda a armada espanhola com um único tiro de canhão. De tanto que lhe perguntavam qual era a missão secreta que havia sido confiada a ele, assentiu em dar uma pista:

- Descobri que o arroio Cadena vai dar no mar.

Singrar o Cadena e alcançar o Atlântico era, na cabeça dele, apenas o percurso possível para quem estava no sopé da Serra Geral. Seu objetivo na cidade tinha a ver com o levantamento de fundos para que fosse recomposta a dignidade de um comandante. Capitão estava juntando dinheiro para comprar um par de botas.

O segredo me foi revelado em confiança, mas não achei que pudesse pôr em risco sua missão se o

compartilhasse com meus vizinhos. Ao contrário, a urgência e o êxito da empresa de Capitão seriam assegurados pela vaquinha que fizemos. Ele próprio foi à Casa Eny e escolheu botas pretas de cano alto. Calçou-as, agradeceu fazendo uma continência reverencial, e foi embora em marcha rápida, como se uma fragata o esperasse ancorada no calçadão da Bozano.

No dia seguinte, fomos todos ter com ele, curiosos para ouvir sobre a primeira batalha que comandara de botas novas. Mas, sob a marquise em que costumava passar a noite, não havia ninguém. Por dias a fio, procuramos por Capitão na redondeza e até nos arredores do Cadena. Nada. Nunca mais foi visto.

Quando os telejornais noticiaram sobre um navegador solitário à deriva na costa da Somália, pensei ter visto o capitão-de-mar-e-guerra balançando suas botas novas na proa, a zombar dos corsários, dos piratas, dos incrédulos.

A redenção da libélula *à Helena Estrela Noal Peres*

Odemir Tex Jr.

CALÇA N.º 42

- Não se assuste, são só libélulas...

Andara parte da noite, embalado pela sibilância do vento Norte. Hábito desiludido de amores. Sabia que ela sairia pontualmente à 1h30min dos ares noturnos. Sabia também que caminharia até a próxima quadra onde tomava sempre o mesmo táxi. E isso era o resumo de sua ciência. Era ignorante da cor predileta. Do filme. Do suco. Do céu. Da calcinha. Do sapato.

O que não era de hábito eram as seis doses de gim, que adormecera seu hipotálamo à qualquer medo e hipocrisia. Adonai costurando o destino num ziguezague de pernas descompassadas, imprecisas. Sobre os ombros, a cruz da decisão. Aproximou-se do táxi e, antes que ela entrasse, pegou-a discretamente pelo braço: “Roubo o mundo porque você vive nele”. Voz em tom tão airado, como inesperado. De senhor. Soberano. Sem reação ela silenciou. Sem delírio. Apenas rosa delicada.

Caminharam contra o vento e contra a noite. Braços dados por onze quadras e meia. Lonjura e eternidade, em silêncio. “Aqui”. Atravessou o braço

esquerdo à frente daquela mulher, apontando para a porta de um antigo prédio alheio à arquitetura hodierna cercante. Entraram. Três lances de escada: a alcova.

Na lesma-lentidão dos amantes iam repelindo as roupas como polos contrários. Ele, ao retirar os sapatos, percebeu os olhos brancacentos do medo. Acalmou-a:

- Não se assuste, são só libélulas...

De repente muitas dezenas de libélulas circundavam o quarto. Saíam aos punhados de dentro dos seus sapatos. A mulher amava este estranho, sem saber o porquê. Com ele sonhava o infinito e todos os labirintos impensáveis. A voz? O cílio? O cio? Os sapatos? As libélulas? Talvez. Acima de tudo amava a possibilidade deste par.

- Eu já havia olhado para o seu pé... – ele disse.

- O quê?

- A tatuagem... Sabe que quando se aprisiona uma libélula num copo de vidro (reza a lenda) se pode fazer um pedido? Foi por isso que aprisionou uma à pele?

Ela não sabia o que responder. Mexeu o cabelo sensualmente. Ele continuou:

- Sabe o que eu pediria? ... A eternidade. Talvez por vaidade ou por medo da morte, sei lá. A literatura, o cinema, bem, sou muito sugestionável.

As libélulas cessaram de sair de seu calçado. Agora faziam voos de rotas quebradiças pelo quarto. Do lado de fora começara a chover. O homem abraçou-a.

- “Un coup de dés jamais n’abolira le hasard...”

- sussurrou no ouvido dela.

- Que lindo isso... mas o que quer dizer?
- Um lance de dados jamais abolirá o acaso...
Mallarmé, um poeta francês, foi quem escreveu.
- E o que quer dizer?
- Talvez a gente nunca venha a saber. Somos particulares em nosso entendimento. Entenda como quiser. Por enquanto somente me ame, nada mais.
Adormeceram a nudez sob a noite. Simples como um riacho.

Andara despercebido pela noite. Algumas vezes à frente onde ela trabalhava. Havia desenhado seu aroma. O fim da noite denunciava sua ausência. Nunca mais a viu. Caminhou ao longo da madrugada, foi-se ao parque, onde deitavam-se as estrelas sobre as águas. Sentou-se à beira do lago. Retirou o mocassim que calçava. Timidamente uma libélula saiu. Uma só. Rara. Rosa no deserto. Liberta, alçou voo pela madrugada. Antes de deitar-se completamente sobre a relva, o homem a viu dar um rasante sobre a superfície espelhada da água e os círculos em ondas agigantando-se até a margem. Então, com as mãos apoiando a nuca ao chão, olhou para o céu, e pensou que a vida sempre era uma possibilidade de inventar ou recriar caminhos ou voos, e, que naquela noite, a lua, de tão cheia, deveria estar grávida de estrelas.

Os sapatos vermelhos da duquesa

Aguinaldo Medici Severino

CALÇA N.º 44

Ela parou de repente e virou o rosto para trás. Aparentava raiva. Como eu andava rápido e estava bem próximo, passei por ela em um instante. Segui lendo meu livro. Lembro que o sol forçou-a fechar os olhos, que ficaram bem miúdos. A cor deles era indistinta, mas pensei que só poderiam ser escuros como seus cabelos, que contrastavam com sua pele. Quando levantou o braço para proteger o rosto, a luz forte se refletiu por uma miríade de gotinhas de água. Seus cabelos ondularam com a torção do rosto, mas uma das mechas ficou presa no brinco da orelha esquerda. Deve ter doído, pois ela crispou o rosto e isto pareceu aborrecê-la mais que a suspeita de que alguém olhava para sua bunda.

Notei ainda no ônibus que ela tinha um pequeno adesivo cirúrgico no calcanhar. Aquilo me enfeitiçou. Descemos na mesma parada. Claro, eu poderia esperar e descer na seguinte, mas quando a vi preparando-se para descer, resolvi fazer o mesmo. Ela usava sapatos de um vermelho muito forte.

Lembrei-me dos sapatos vermelhos da duquesa de Guermantes. O duque e a duquesa estão se preparando para uma festa a fantasia. Swann faz sua última visita ao casal, pois sabe já estar muito doente. O narrador de Proust acompanha os movimentos dos três, que emulam os passos de uma complicada dança de salão, onde a mundanidade e a inteligência se superpõem. Quando a duquesa levanta um dos pés para subir na carruagem que os levará à festa, o duque percebe que ela está usando sapatos vermelhos e que eles não combinam com o longo vestido também vermelho que ela usa. Irritado, o duque diz rispidamente a ela: “Suba! E troque-os já pelos sapatos pretos”. Ela obedece sem retrucar. Justo ela, conhecida por sua temível verve. Enquanto a duquesa se afasta os três homens discutem, com alguma malícia, sobre a toalete, as manias e a beleza das mulheres. Falam da ambição delas de estarem sempre com o sapato mais acertado em cada ocasião.

Eu era inocente. Desde que saíra do ônibus não havia espiado nada além de seus belos pés e aquele calcanhar machucado. Segui sua caminhada mais por hábito que cupidez, enquanto lia meu livro. Não estacar, passando por ela, deve tê-la desconcertado. Pensava ainda em Oriane e naqueles cabelos presos ao brinco quando senti uma pancada nas costas e uma fala ríspida como a do duque.

- Javier! Tu ficas olhando para minha bunda e depois passa assim, fingindo não me conhecer?

Aquilo soou estranho, pois não tinha a menor ideia de quem era ela.

- Me desculpe, mas você deve estar enganada, meu nome não é Javier.

Meu tom de voz como que a desarmou. Ruborizada, ela piscou e mordeu os lábios, tão vermelhos quanto seus sapatos. Olhou firme para mim e disse:

- Ontem mesmo comprei estes sapatos. O rapaz da Eny que me vendeu se chama Javier e é muito parecido contigo. Enganei-me.

- Bobagem. Tenho esta mania de andar lendo. Só percebi que você tinha parado quando estava muito próximo. Cheguei a esbarrar em você, não é mesmo? Sou eu quem deve desculpas.

Seu rubor, aqueles olhos negros, seus lábios e aquela mecha de cabelos ainda presos ao brinco me deixavam comovido como o diabo. Intuí que ela seria capaz de aceitar o convite que fiz naquele instante mesmo.

- Escute. Meu nome é Enrique. Não gostarias de tomar um café comigo?

E acrescentei.

- Conheces a história dos sapatos vermelhos da duquesa?

- Que duquesa?

Ela ia caminhar. E tomar café comigo!

O problema é que o café fica perto da Eny. Tomara que Javier não apareça. Ele é um bom irmão, mas nunca sabe o que dizer para uma mulher.

